WARBURG INSTITUTE
FCD 55

UNIVERSITY OF LONDON
WARBURG INSTITUTE

f
c
d
55

A FIGA

26/1452 v

f c d 55

A FIGA

ESTUDO DE ETNOGRAFIA COMPARATIVA,
PRECEDIDO DE ALGUMAS PALAVRAS A RESPEITO DO
"SOBRENATURAL" NA MEDICINA POPULAR PORTUGUESA

CONFERENCIA LIDA
NA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO
EM 26 DE JUNHO DE 1925

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

PORTO
ARAUJO & SOBRINHO, SUC.RES
50, Largo de S. Domingos

1925

As notas ao texto vão em corpo 10 por expressa recomendação do autor.

UNIVERSITY OF LONDON
WARBURG INSTITUTE

Senhor Director da Faculdade de Medicina do Porto,
Senhores Professores,
Senhores Estudantes:

Ha 39 anos que me despedi da Escola Medico-Cirurgica do Porto, cujas tradições vós continuais e honrais. Nobre e fecunda é a sciencia que se ministra cá dentro a alunos sôfregos de a adquirirem; respeitaveis os Mestres, pela gravidade do seu ensino, e pelo valor dos trabalhos que publicam: mas, ao percorrer estas salas, onde já não soa a voz, tambem sábia, dos professores do meu tempo (visto que a maior parte d'eles a morte os levou, e dos três, que restam, dois gozam na jubilação o descanso das lides e das glorias catedraticas, e o terceiro foi com seus talentos abrilhantar outro Instituto), angustio-me de funda saudade,— vivamente agora despertada á vista de alguns dos queridos companheiros que me escutam.

Quis a benevolencia da Direcção da Faculdade que eu voltasse hoje ao Porto. Sinto-me comovido, já por causa do inesperado convite com que me distinguiu, já porque, tendo eu saído d'aqui medico-cirurgião,

acumulado de favores, transviei-me quasi logo: e em vez de vos trazer frutos de experiencia clinica, que pudesseis aproveitar no vosso exercicio, venho entreter-vos uns momentos com assuntos, menos práticos, de Etnografia e de Historia.—Desculpai.

Escolhi para tema do meu discurso o estudo genetico de uma antiga superstição, que, apesar de assentar em bases absurdas, está dispersa, ora com pleno vigor, ora atenuadamente, por várias regiões da Europa, e tambem viceja, mais ou menos, em todas as nossas classes sociais: refiro-me á superstição da FIGA. Para integrar um pouco esse estudo no campo da sciencia que cultivais, precedê-lo-hei de umas palavras a respeito do papel que o sobrenatural ainda, por desgraça, desempenha na medicina popular portuguesa.

Permiti-me que comece.

Senhor Ministro da Instrução Publica,
Senhores Reitores da Universidade do Porto,
Minhas Senhoras e meus Senhores:

INTRODUÇÃO

Do sobrenatural na Medicina popular portuguesa

EM dúvida o povo considera a doença muitas vezes, como é justo, devida a causas naturais, e por tanto curavel ou combativel do mesmo modo. Esta noção da doença provém-lhe da experiencia secular, da tradição da antiguidade, e do contacto, em todos os tempos, com os medicos, de cuja lição colhe observações, que interpreta e aplica a seu geito. Aqui pertence o curandeiro ou *curão,* o mèzinheiro, o charlatão, o dentista de feira, o endireita, alguns d'eles bastante satirizados na literatura. A prática da sangria existe ha muito tambem no povo,

e assim se originou o barbeiro-sangrador, por vezes metido a receitar e a operar.

Contudo, ao lado da medicina fisica, ou medicina propriamente dita, já independente d'ela, já de mistura, domina nas classes incultas, e em muitas que se apregoam por cultas, a medicina sobrenatural, tanto no que respeita á diagnose e á etiologia, como á patogenia e á terapeutica. Paralelamente aos medicastros de que acabo de falar, temos agora o *soldador,* a benzedeira, o *menino virtuoso* e quejandas personagens. Ninguem se admirará de que isso aconteça num povo catolico e crente.

Não ouve ele todos os dias tocar o sino, que o manda rezar de manhã, ao meio-dia e á noitinha, que lhe abre a porta da igreja, para a missa, para a novena, para a festa, que o convida a acompanhar o Senhor fóra, ou a ir ao cemiterio ouvir os responsos com que o abade encomenda a Deus eterno uma alma que partiu para o Outro-Mundo? Não o confessa o mesmo abade, não lhe prega do Ceu e do Inferno? Não o abençoa, não o excomunga? Não ha em cada casa paineis que patenteiam milagres e glorias de martirios, livros de orações, agiologios, a Biblia?

Por outro lado o Português, como herdeiro de tantas civilizações que desde eras remotissimas se sucederam no solo que habita, não assiste a cada passo a aparição de fantasmas? Não conhece lendas de Moiras, que no S. João patenteiam tesouros que jaziam encobertos? Não ouve cantar as Sereias nos mares, correr desenfreados os Lobishomens pelos atalhos? Não sabe que o Diabo se transforma em cabrito? que ha sitios

misteriosos, como as encruzilhadas? que os cometas anunciam infortunios? que as trovoadas se evitam, tendo em casa um amuleto?

Todas essas crenças, as propriamente cristãs, as de origens não-cristãs, e as médicas, que pertencem a ambos os grupos, se baralham entre si, e se reforçam umas ás outras.

Assim cercado completamente de sobrenatural, o espirito do povo quasi vive por igual no mundo da imaginação e no da realidade, tanto mais, que o que nós chamamos *sobrenatural* é para o povo *natureza:* tão efectiva lhe parece a côr vermelha da carapuça do Tardo, como o calor do sol.

Em ele supor que existem doenças pertencentes ao círculo do sobrenatural, nada ha pois, como disse, que nos surpreenda.

Sendo desnecessario, para o provar, percorrer toda a Patologia, vou escolher apenas alguns exemplos d'entre os muitos que infelizmente abundam por toda a parte.

Para a mente do povo as doenças, tanto internas como externas, são com freqüencia entidades que habitam o corpo. Um ensalmo curativo da erisipèla ou *erisipela* (como melhor se pronuncía) o declara suficientemente: *zipla, sai d'aqui!* || *O sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo anda por cima de ti.* Fórmula analoga se recita ao pé de uma fonte contra a *alfofa,* que suponho ser o mesmo que farfalho; *alfofa, sai-te d'aqui, que branco e preto bebe aqui!* E até para curar o *pulso aberto* ou «distendido» se fala com ele: *tu és carne quebrada,* || *torna a soldar;* || *tu és*

fio torto, || *torna a teu posto.* Em todos estes casos se personifica a doença. Observações analogas têm sido feitas por outros investigadores: Wuttke no tratado da Superstição popular alemã [1], Bartels na Medicina dos Selvagens [2], Lenormant na Magia caldaica (peste personificada) [3]. Tudo isto se deve a concepções muito primitivas da origem das cousas e dos fenomenos da Natureza.

Outras vezes as doenças são obra de espiritos maus que penetram no organismo humano, como a histeria e a epilepsia, e em geral as doenças do sistema nervoso; contra os possessos ou endemoninhados preconizou a Igreja exorcismos de que se fizeram em Portugal várias colecções. Achamo-nos agora diante de uma concepção não menos rudimentar que a antecedente, e d'ela ha paralelos em todos os povos e em todos os tempos.

Assim como penetram no corpo espiritos estranhos, assim penetram bichos, por intermedio de roupas que estão a enxugar, os quais bichos causam do mesmo modo doenças, quando não são eles proprios as doenças, como consta de ensalmos: *talho bicho e bichão* || *e sapo e sapão* || *e cobra e cobrão,* dispostos os nomes aos pares, e em serie ascendente, segundo a importancia dos animais. Dada a hipotese de que a doença é um bicho, ou causada por ele, manda a logica que se

---

(1) *Der deutsche Volksaberglaube,* 3.ª ed., § 476.
(2) *Die Medizin der Naturvölker,* Leipzig, 1893, p. 10.
(3) *La Magie chez les Chaldéens,* Paris, 1874, p. 160.

talhe ou córte com uma faca, em que efectivamente se pega, quando a fórmula se enuncia. Está claro que temos aqui um princípio mágico: que acontece aquilo que por analogia se pensa fazer, princípio fecundissimo, que explica inúmeras superstições.

Não faltam tambem doenças causadas pela lua, por almas de mortos, por feitiços ou pragas, inveja, mau olhado, punição de pecados. Postoque as doenças causadas pela lua e pelo mau olhado fossem pelos nossos antigos medicos tidas por doenças naturais, e tratadas pois fisiologicamente, não ha dúvida que, pela maneira como o povo se dirige á lua, e pelo que adiante se dirá do quebranto, elas pertencem ao quadro nosologico que estou estudando. As restantes doenças revelam cunho sobrenatural na sua propria denominação. De algumas das mencionadas causas resultam ao mesmo tempo doenças internas e externas, v.g., de uma praga e de um castigo de Deus.

De diagnóstico de caracter mágico, se assim posso dizer, indicarei o que os benzilhões e benzedeiras instituem pelo cheiro de pedaços que lhes levam da roupa do enfermo respectiva ao lugar afectado, e a observação de desenhos que chumbo derretido ou azeite deixam, quando lançados num prato ou bacia de água. O primeiro método de diagnóstico funda-se em parte noutro princípio mágico muito fecundo, qual o da associação de ideias com factos, isto é, de pessoas com suas pertenças, estudado por Frazer no Ramo d'ouro [1]

---

[1] *Le rameau d'or* (trad. do inglês), t. I, Paris, 1903, p. 4.

e por Elworthy no livro do Mau olhado [1]. O segundo metodo corresponde ao que os Gregos chamavam λεχανομαντεία ou da bacia hidromantica [2]. Como se vê, o nosso povo tambem não está sòzinho nestes pormenores. Outro modo de diagnosticar certas doenças consiste em ver se o sal crepita, ou não, no lume. O sal desempenha muitos papeis na magia por causa das suas propriedades fisicas e quimicas.

Os metodos de diagnóstico que indiquei pertencem á classe geral das adivinhações ou oraculos, como saber se uma mulher grávida traz no utero feto masculino ou feminino [3], se um amante é correspondido [4], que tal será no ano a colheita de frutos campestres [5]. Estas ingenuas concepções populares, que hoje provocam riso a quem só as encara na sua significação actual, espelham graves estados de alma dos nossos antepassados, que de pais a filhos no-las transmitiram.

De terapeutica muito se poderia relatar, se a ocasião o permitisse. Além de doenças de caracter sobrenatural tratadas sobrenaturalmente, ha-as de caracter natural tratadas do mesmo modo, e havê-las-ha de caracter sobrenatural que se tratem por meios naturais.

O sobrenatural está aqui representado por duas

---

(1) *The evil eye,* Londres 1895, p. 71 etc.

(2) Bouché-Leclerq in *Dict. des antiq. gr. et rom.,* s. v. «divinatio», p. 300-303.

(3) Vid. *Trad. pop. de Portugal,* § 335. De outros modos de prever o sexo, fala o D.or Claudio Basto no seu opusculo *Determinismo e previsão do sexo,* 1923, pp. 4-7 (extr. da *Aguia).*

(4) Vid. *Poesia e Etnografia,* 1902, p. 5-6.

(5) Vid. *Trad. pop. de Portugal,* § 80.

maneiras: magia e religião. Como agentes magicos gozam de grande importancia os ensalmos, a que já me referi, aos quais correspondem na religião os exorcismos: uns e outros têm por protótipos fórmulas antigas, conservadas em textos epigraficos e literarios, romanos, gregos, orientais. Saliva, agua-benta, azeite de lampadas, são valiosos agentes terapeuticos. Para certos casos recorre-se á pedra d'ara, ao calice e a reliquias. Quasi não ha doença cujo curativo não esteja a cargo de um santo; e ha santos a que todos os doentes se *apegam*.

Ás vezes recorre-se a um santo por causa da analogia da doença com o sofrimento que o santo teve em seu martirio: assim, S. João Baptista é advogado de cefalalgia, porque o degolaram; Santa Luzia, de molestias oculares, porque lhe arrancaram os olhos. Na capela d'esta santa, junto de Viana do Castelo, vi ha anos inúmeras ofertas de olhos de prata, levados ao altar em agradecimento de supostas curas. Analogos costumes se encontram em todos os povos catolicos, e eles provêm da antiguidade. No nosso solo, por exemplo, têm aparecido muitas inscrições consagradas a divindades romanas e lusitanas, em que se lêem as expressões estereotipadas: *ex voto, votum solvit, pro salute,* designativas de cumprimento de promessas.

Outras vezes um santo é invocado por causa da homofonia que se nota entre o seu nome e o da parte doente ou *locus affectus:* Santo Ovidio livra de dores de ouvidos, porque o povo, aqui mesmo

no Porto, pronuncia *Santo Ouvido*. A isto se costuma chamar *nomen numen*. Em Viseu venera-se a Senhora do fastio: as gentes invocam-na para se curarem d'ele; quando o apetite volta, depositam no altar uma tigela e uma colhér.

O princípio da analogia estende-se tão longe, que no Gerez, quando alguem tem verrugas, promete levar a S. Bento, se sarar, um ramo de cravos, porque á verruga se chama *cravo* na linguagem vulgar do Norte [1]. A semelhança dos nomes, ou trocadilho, bastou aqui para estabelecer terapeutica, embora nas ideias, em meu entender, não haja semelhança real. Sem dúvida o povo e os proprios medicos dão metaforicamente a certas doenças nomes tirados do reino vegetal, por exemplo: *terçô,* que se relaciona morfologicamente com «grão de trigo», como a Sr.ª D. Carolina Michaëlis demonstrou [2], e *exantêma,* que vem de um radical grego que significa «flor»; mas entre *cravo,* ou verruga, e a «flor» denominada *cravo* não existe parecença imediata, existe, como disse, mera homofonia. Só ascendendo á origem das expressões, encontrariamos que o calice do cravo, antes de abrir, e o pedunculo se compararam com a cabeça e haste de um cravo, ou prego, e que com a cabeça d'este, saliente na superficie de uma taboa em que a haste se intro-

---

(1) Cf. B. A. Gomes, *Ensaio dermosografico,* Lisboa 1820, p. 125. O autor conhecia a linguagem do Norte, porque era Minhoto.

(2) In *Miscellanea di Filologia,* Florença 1885, p. 153.

duziu, se comparou tambem a verruga, que como que sobressae ao de cima da pele das mãos e da cara, — sem que contudo da semelhança de duas cousas comparadas com uma terceira resultasse, para a concepção posterior, semelhança entre aquelas. Temos neste fenomeno glotologico uma metáfora de metáfora.

A devoção com santos, tidos como protectores gerais de doenças, fez que varios hospitais, como parece, os tomassem por oragos: *Hospital de Santo Antonio,* de *S. Lazaro,* de *Todos os Santos.*

Eis mais alguns usos terapeuticos, resultantes de analogia ou magia imitativa, por muitos autores chamada *simpatica.* Ferindo-se alguem numa silva, corta-a, porque á proporção que esta séca, séca ou cicatriza a ferida (Douro). Quem tem itericia, pendura ao pescoço um cordão formado de nove dentes de alho: a doença vai desaparecendo, conforme os alhos vão amarelecendo (Estremadura). Curvo Semedo tem na *Polyanthea* um capítulo «muyto curioso e digno de se ler», como ele sem rebuço proclama, onde reúne receitas que se subordinam ao mesmo princípio mágico, e entre elas a seguinte: «hum dente de cão, arrancado do cão vivo, furando-o, e trazendo-o ao pescoço, preserva de dores de dentes toda a vida» [1]. Informou-me um aluno meu do Algarve que para que uma rapariga se livre de um quisto que se lhe formou na testa, basta que um rapaz escreva aí, com um pedacinho de

---

[1] *Polyanthea medicinal,* Lisboa 1716, trat. II, cap. 101, n.º 10, p. 533.

pau molhado em tinta, o nome de Jesus ás avessas: S-U-S-E-J: subentende-se que, por ficar ás avessas a palavra, o tumor caminha correspondentemente para trás, isto é, se reabsorve. Ha fórmulas numerativas, que, por motivo analogo, se enunciam em serie decrescente, por exemplo, a oração do Anjo Custodio, estudada por Adolfo Coelho: doze, onze, dez, etc.: deminuem os numeros, deminue a doença [1]. Em muitos ensalmos a virtude mágica obtem-se por comparação: depois de se fazer certo enunciado, por exemplo, a proposito de escaldadura, remata-se do seguinte modo: *Assim como isto que eu digo é verdade, || está escaldadura mais não lavre* [2]. Não teria fim a menção de casos de terapeutica simpatica; e tambem sei de trabalhos estrangeiros concernentes ao assunto.

De várias doenças supõe o povo que póde libertar-se transferindo-as de si para fóra, para outras pessoas, para animais, para arvores, pois que, segundo o seu pensar, elas vieram do exterior: já que vieram, tambem irão. Hovorka & Kronfell, no seu copioso trabalho de Medicina popular comparativa [3], Wuttke num livro que ha pouco citei [4], Seyfarth na Medicina popular da Saxonia [5], e Sébillot no *Folklore de France* [6] ministram exemplos respeitantes á Alemanha,

---

(1) In *Renascença* (1888), p. 47-48.
(2) Vid. os meus *Ensaios Ethnographicos,* III, 201; e cf. p. 183.
(3) *Vergleichende Volksmedizin,* II (1909), 873 ss.
(4) *Der deutsche Volksaberglaube,* § 482 etc.
(5) *Aberglaube und Zauberei,* p. 180 ss.
(6) Cf. t. IV, p. 487.

França e outras terras. Relativamente á antiguidade, em especial, arquivou textos gregos e latinos Ricardo Heim [1]. Em Portugal aludiu ao assunto o D.or Claudio Basto na apurada monografia que se intitula *Quebraduras* [2]. Por mim possuo d'isto bastantes apontamentos.

Na aplicação das fórmulas, e na execução dos actos magicos com que se curam doenças, observam-se freqüentemente ritos, tais como, não olhar para trás, tapar os olhos ou os ouvidos, soprar, estar detrás de uma porta, etc.: e seria facil mostrar que tudo isso existe, por assim dizer, universalmente.

Até aqui falei da Patologia geral, ainda que, por necessidade da exposição, e para maior clareza, particularizando algumas doenças. Agora, no campo da Patologia especial propriamente dita, e como natural continuação do desenvolvimento do meu tema, considerarei no conjunto, isto é, na sua parte historica, etiologia, sintomatologia, diagnóstico e tratamento, — tudo porém de modo sucinto, — uma entidade morbida a que o povo ligou sempre importancia extraordinaria: a fascinação.

(Parte historica). Á *fascinação* dão-se por sinonimos, na lingua moderna, *quebranto, olhadura, má olhadura, má olhada, olhado, mau olhado;* na lingua antiga, *mal de ôlho, ôlho mau.* Esta sinonimia não é rigorosa, porque *quebranto,* como veremos, designa

---

(1) *Incantamenta magica,* cap. IV.
(2) 2.ª ed. (1916), p. 24-26.

rigorosamente um sintoma, e os restantes sinonimos designam rigorosamente causa, que de mais a mais não é unica. Tambem se diz *dada* (Alto-Minho), mas esta palavra tem outras acepções.

A fascinação é mencionada ha muito na nossa literatura, até o seculo XIII, pelo menos: em folhetos da literatura de cordel, do seculo XVIII [1]; nos *Apologos dialogais* [2], e outras obras do seculo XVII [3]; em Sá de Miranda [4]; em Ribeiro o Chiado [5]; em Gil Vicente, Comedia da *Rubena* [6], e *Auto da Festa* [7]; no *Cancioneiro Geral* [8]; numa Postura da Camara de Lisboa, de 1385 [9]; no *Cancioneiro da Vaticana* [10] e no de Colocci-Brancuti (hoje na nossa Biblioteca Nacional) [11]. Sob o aspecto da crença e da Medicina ocupou-se d'ela Fr. Manuel de Azevedo, no seculo XVII [12], e Fonseca

---

(1) Vid.: *Invectiva critica contra as Bruxas, Siganas e Benzedeiras . . . e quebranto,* Lisboa 1763; e *Methodo pratico no tempo dos sermoens,* Lisboa 1768, p. 3.

(2) Lisboa 1721, p. 32.

(3) Vid. Solis da Fonseca (1628) apud *Archivos de hist. da Medic. portug.,* de Maximiano Lemos, III, 116; J. Bahia na *Fenix Renasc.,* III, 136.

(4) *Poesias,* ed. de D. Carolina Michaëlis, pp. 101 e 479.

(5) Ed. de A. Pimentel, p. 9.

(6) *Obras,* ed. de Hamburgo, II, 13.

(7) Ed. do C. de Sabugosa, p. 119.

(8) I, 119 e 254.

(9) In *O Panorama,* IV, 138.

(10) Canção n.º 984.

(11) Canção n.º 1511 (384). Cf. D. Carolina Michaëlis *Randglossen,* I, 6-7.

(12) *Correcção de abusos,* Lisboa, 1680. Sirvo-me da ed. de 1705: 2.ª parte, tratado I, p. 2 ss.

Henriques, no seculo XVIII [1]; sob o aspecto da Etnografia, o S.or Adolfo Coelho, no seculo XIX [2]. Em linguas estrangeiras ha muitos trabalhos scientificos, por exemplo, de Jahn, e Seelmann, em alemão [3], de Tuchmann, e Lafaye em francês [4], de Elworthy, e Margaret Hardie, em inglês [5], de Rafael Salillas, em hespanhol [6], para não falar de capitulos de obras gerais, algumas já mencionadas acima, e outras que ainda poderia citar.

(Definição e etiologia). As definições de *fascinação* apontadas por Manuel de Azevedo e Fonseca Henriques estão melhor condensadas e expressas nesta de Tuchmann: «influencia mágica e funesta exercida voluntaria ou involuntariamente, com o olhar ou louvor, por uma pessoa noutra, num animal ou num objecto. Ha animais que fascinam com o olhar; e em certos povos os espiritos possuem o mesmo poder» [7]. Para Fonseca Henriques a fascinação produz-se não só

---

(1) *Medicina Lusitana,* Porto 1750, p. 123 ss.

(2) In *Rev. de Sc. natur., e soc.,* III (1896), 117 ss. e 169 ss. Aí menciona já algumas das obras da nossa literatura antiga a que acima me referi, e d'elas faz extractos.

(3) Jahn, *Böser Blick* (1855); Seelmann, *Der böse Blick,* 2 volumes (1910).

(4) Tuchmann in *Mélusine* (cf. vol. XI, indice: «La fascination»); Lafaye in *Dict. des antiq.* (s. v. «fascinum»).

(5) Elworthy, *The evil eye* (1895); M. Hardie in *Journal of the R. Anthropological Institute of Great Brit. and Ireland,* LIII (1923), 160.

(6) *La fascinación en España* (1905).

(7) *In Mélusine,* II, 169.

pelos olhos e por louvor, mas pelo hálito ou respiração, por contacto, por cheiro,—no que está de acôrdo com as doutrinas médicas correntes na sua epoca.

O nosso povo não conhece a palavra *fascinação,* que vem do latim fascinatio, do verbo fascinare. Emprega só as outras que ha pouco enumerei, sendo hoje as mais gerais *quebranto* e *mau olhado.*

Suas causas, segundo o povo, são o louvor, dirigido por exemplo a uma criança, e mórmente o mau olhado de gente perversa e invejosa, de Ciganas, de mendigas de aspecto repelente, de mulheres velhas, de pessoas defeituosas, e até de pessoas boas que têm por natureza esse mau dom, e o põem em prática sem intervenção da vontade. Já os Romanos empregavam o verbo *invidere* na acepção do grego βασκαίνειν «fascinar». *Mal de inveja,* assim como *ver com maus olhos,* são expressões correntes em Portugal. Acêrca das Ciganas, ha um folheto do seculo XVIII com o titulo de *Invectiva critica,* que citei acima, pag. 18, nota 1. Nos Açores dizem que o quebranto póde ser causado por sombras sobrenaturais [1], e algures ouvi que póde ser causado pela lua. Muito em particular estão sujeitas a ele as crianças, como tambem já disse no seculo XVII D. Francisco Manuel de Melo [2].

(Sintomas). Em rigor *quebranto* significa quebrantamento do corpo. E' um estado morbido, pro-

---

(1) D.or U. de Mendonça Dias, *A Vila,* IV, 113.
(2) *Apologos dialogais,* p. 32.

longado, rebelde á acção de medicamentos, e ás vezes sem causa bem conhecida. É uma dôr de cabeça que vem de repente, após o encontro de uma pessoa que se suspeita que deita mau olhado, dôr acompanhada de tremuras gerais, e de frio: *treme-se como uma gesta,* e *fica-se aquebrantado com frio,* dizem em Nelas.

(Diagnóstico). O diagnóstico faz-se pelos metodos magicos que indiquei ha pouco. Uma ocasião na Beira-Alta uma mulher tinha um porco a que outra deitára mau olhado; levou a uma benzedeira pêlos do cerro e da cauda do animal, para ela ver se este tinha ou não quebranto: e assim que a benzedeira encarou os pelos, começou, e a consulente com ela, a tremer e a bocejar. Tal era a fôrça do mal contido nos pêlos!

(Tratamento). Como terapeutica efectiva do quebranto empregam-se defumadoiros e ensalmos, estes últimos, por vezes, nos Açores, acompanhados do contacto da mão de um curandeiro. Em vez de «tratar a doença» ou «curá-la», emprega aqui o povo, como noutros casos, a palavra *atalhar,* que não é a mesma, quanto ao sentido, que *talhar,* que acima vimos usada no ensalmo do bicho. Á recitação de ensalmos chamam textos antigos *escantar,* verbo que na lingua moderna tambem significa «embruxar» [1].

O quebranto ha-de ser *atalhado* logo que se

---

[1] Vid. D. Carolina Michaëlis, *Randglossen* (loco citato).

manifeste, porque, se o doente dormir antes d'isso, a doença durará uns tantos dias mais do que podia durar. Visto que estou expondo, classificando e interpretando pensamentos populares, lembrarei que se canta galhofeiramente a propósito dos ensalmos uma cantiga que ouvi em Tolosa do Alentejo:

Todo o homem que se casa
Deve ter um pau ao canto,
Para benzer a mulher,
Quando lhe der o quebranto . . .

Como profilaxia da fascinação traz o povo, porém, muito a serio no bolso uma *alha,* nome que em Barroso dão a certa variedade de alho [1]. Com o mesmo intuito emprega arruda, sal, varios amuletos, e serve-se, mais que tudo, da figa. A figa constitue o fundamento d'este meu trabalho, e d'ela vou ocupar-me em seguida.

---

[1] B. Barreiros in *Rev. Lusitana,* XIX, 92.

I

A FIGA EM PORTUGAL

I. DEFINIÇÃO DE *FIGA*: GESTO E AMULETO

Chama-se *figa* a um gesto mágico que se obtem com a mão fechada de maneira que o dedo polegar sobressaia d'entre o indicador e o médio. Qual das mãos?

Umas vezes a esquerda, outras a direita; e essa variedade se patenteia de facto nos desenhos que acompanham este trabalho. A mesma variedade se nota tambem lá fóra. Em Lisboa, porém, como ouvi a muitas pessoas que consultei, homens e mulheres, crê-se que, embora dê mais geito fazer a figa com a mão direita, se deve fazer com a esquerda; o preceito é fazê-la com a esquerda; a esquerda tem mais virtude, mais acção.

Póde tambem fazer-se este gesto ao mesmo tempo com ambas as mãos, estendendo ou encruzando os braços.

O gesto da figa imita-se artificialmente, dando-se-lhe fórma de amuleto, de varios tamanhos, de 1 centimetro, ou menos, para cima, até 5 centimetros, ou mais, o qual amuleto consta da mão disposta como fica dito, e de parte do ante-braço, onde se faz um sulco ou um orificio de suspensão, ou a que se adapta uma argola, ás vezes por intermédio de um fio ou de um engaste metalico [1]. O orificio nem sempre está no ante-braço, póde estar na propria palma da mão.

---

[1] Á figa, como gesto mágico, ou como amuleto português, se têm referido varios AA. nossos, antigos e modernos. Dos antigos, por exemplo, entre outros que adiante citarei: Cardoso (sec. XVI), Barbosa (sec. XVII), Bluteau (sec. XVIII), Moraes (sec. XVIII-XIX), nos seus respectivos dicionários. Dos modernos, por exemplo: Th. Braga, *O povo portuguez,* II, 527; A. Pimentel «Fazer figas», capitulo do livro *Atravez do passado,* Paris-Lisboa, s.d. (parece que é de 1888); A. Thomás Pires, *Amuletos alentejanos,* Elvas 1904, p. 8; Goltz de Carvalho in *Portugalia,* I, 347, num artigo intitulado «Amuletos de Buarcos»; Cardoso Marta & A. Pinto, *Folclóre da Figueira,* II, Espòsende 1913, p. 82-86 («Amuletos»); A. C. Pires de Lima in *Rev. Lusit.,* XVII, 37 ss. («Amuletos»); U. de Mendonça Dias, *A Vila* (Açores), IV, 10. O autor do presente estudo falou da figa: em 1882, na *Rev. da Soc. de Instr. do Porto,* II, 397, num artigo intitulado «Amuletos populares portugueses»; em 1883 ibidem, p. 582, num artigo intitulado «Amuletos italianos e portugueses»; em 1892 num opusculo *Sur les amulettes,* pp. 8 e 10; em 1915 na *Hist. do Museu Etnologico,* p. 232-234 («Amuletos»); em 1917 na *Etnografia artistica,* III, 19-20 («Gestos mágicos; 2, a figa»); em 1924, no *Boletín de la Acad. gallega,* n.º 165, p. 209-210, num artigo intitulado «Duas figas». O autor inglês W. L. Hilfburgh mencionou a figa in *Folk-lore,* XIX, n.º 2 (1908), pp. 214-215, num artigo que se intitula «Notes on some contemporary Portuguese amulets» (com estampas).

O amuleto fabrica-se ou tem-se fabricado de várias substancias, já de si mágicas, por exemplo, ambar, azeviche, coral, corno, ferro [1], já indiferentes, por exemplo, barro, coquilho, loiça, madre-perola, marfim, marmore, osso, ouro, prata, vidro (ou cristal). Fazem-se tambem de massa, ou de outras substancias (celuloide, galalite), para se imitarem algumas d'aqueloutras.

Convem juntar as seguintes observações particulares. Ao azeviche alude J. B. de Castro, no *Mappa de Portugal* [2], baseando-se em parte no que se lê em Duarte Nunes do Lião [3]: azeviche da Batalha, empregado para *figuinhas* e outros *brinquinhos;* Fr. Manuel de Azevedo consagra-lhe o capitulo IX do seu tratado do quebranto [4]. Ao ambar consagra o mesmo Azevedo o capitulo X, onde lhe dá o nome de *alambre,* isto é, *ambre* ou *ambar,* com adição do artigo arabico. O coquilho especifica-o Bras Luis de Abreu, no *Portugal Medico* [5], a par com o marfim etc., e d'aí fez cópia literal um dos comentadores dos *Fastos* de Ovidio & Castilho [6]. Das figas de barro, de Extremoz, fala

---

(1) Acêrca do caracter mágico do ambar, do azeviche e do coral, vid. *Religiões da Lusitania,* I, pp. 88, 129, nota 4, e p. 136-139; *Tradições popul. de Portugal,* pp. 99-103; e o que escrevi no *Bolet.* da 2.ª cl. da Acad. das Sc., X, 638-641. Acêrca do azeviche vid. tambem Osma, *Azabaches compostelanos,* Madrid 1916, pp. 3, 5, 66.

(2) T. I (2.ª ed.), p. 175, § 13.

(3) *Descrição de Portugal,* p. 107, da ed. de Lisboa, 1785, de que me sirvo.

(4) *Correcção de abusos,* já cit., II, 82-85.

(5) Pag. 626, § 151.

(6) III-1, 345.

M.me D'Aulnoy, no *Voyage en Espagne* [1]. As figas de ouro são tão apreciadas pelo seu valor material, que uma cantiga popular, que adiante se citará, as lembra com distinção. — Acrescentarei que hoje já não se fabricam figas de coquilho, e que não me consta que se fabriquem de barro em Extremoz. De barro só conheço uma, quasi de tamanho natural, que comprei em Lisboa para o Museu Etnologico, fabricada não sei onde, como simples galantaria artistica (fig. 1).

II. FUNÇÃO DA FIGA (como gesto, como amuleto, e meramente como vocabulo)

A figa, como gesto ou como amuleto, emprega-se fundamentalmente, segundo já notei, contra a fascinação; mas nas mesmas condições, ou apenas como vocabulo, emprega-se contra outros males, e exprime tambem desprêzo, zombaria, má vontade a alguem, e anulamento de uma afirmativa: ainda que nem sempre julgo facil distinguir estes emprêgos do antecedente. Ás vezes o vocabulo *figa* entra em locuções ou de caracter supersticioso, ainda evidente, ou de caracter apagado, isto é, gracioso. Temos, pelo que disse, tres grupos principais de emprêgos da figa: e em seguida os vou especificar melhor.

---

[1] Apud Th. Braga, *O povo portug.*, II, 91, e D. Carolina Michaëlis, «Pucaros de barro de Portugal» in *Bullet. Hispan.*, VII, 141, 142 e nota 1 (ha 2.ª ed. em volume á parte).

A. Figa declaradamente contra fascinação

Que a figa livra de fascinação é crença mais ou menos comum a todo o Portugal, o que posso afirmar por observações directas que fiz por todas as nossas provincias e em algumas das ilhas adjacentes, e por observações feitas por outros investigadores [1]. A crença nas virtudes da figa até passa da rude prosa da vida para a suavidade do verso:

Adeus, ó Rua Direita,
Em te ver me dá *cubranto:*
Eu hei-de-te mandar pôr
Uma figa a cada canto . . .

diz uma cantiga que ouvi na Beira.

O meu amor é tão lindo,
Que é de todos cobiçado:
Hê-de-le dar uma figa
P'ra ninguem le dar olhado . . .

diz outra que ouvi no Alentejo.

---

[1] Da superstição em geral fala J. M. Adrião in *Rev. Lusitana,* XXIII, 108: diz que a quem, estando em jejum, vir um coxo, um corcunda, um cego, um vesgo, ou um maneta não corre bem o dia, e que como oposição convem fazer-lhes figas. Subentende-se que todas estas pessoas dão olhado por pertencerem á classe das pessoas defeituosas estabelecida pelo medico do seculo XVIII Fonseca Henriques (vide supra). Da superstição na Maia fala em particular D. Maria Peregrina num artigo reproduzido na citada *Revista,* ibidem, VI, 134. E vide tambem as obras citadas na nota da p. 24.

Tenho meio tostão em prata
Para comprar uma figa,
Por causa das invejosas
Que se metem na m'nha vida . . .

diz tambem uma ouvida por Thomás Pires nesta última provincia [1]. O mau olhado, se póde ser deitado involuntariamente, póde tambem ser deitado por inveja. Em Lisboa, quando o namorado oferece á namorada, ou vice-versa, uma prenda, faz escondidamente uma figa para a prenda não receber mau olhado, não se extraviar etc. Como é natural, a crença na virtude da figa contra a fascinação aparece muitas vezes consignada na literatura, já como intuito moral, satirico, ou de curiosidade, já para se obterem efeitos artisticos. Vou apresentar alguns exemplos, partindo dos textos mais modernos para os mais antigos, visto que comecei por falar do presente, e desejo mostrar até onde posso fazer ascender a antiguidade da crença, para por fim lhe buscar a origem.

Na *Confissão geral do marujo Vicente,* Lisboa 1888 (reprodução de edição anterior), folheto de literatura de cordel, diz Joana ao Vicente: «toma, toma sete figas, que não quero dar-te quebranto» [2]. O numero «sete», como é sabido, figura muito na magia, e em geral no *folk-lore:* por isso aqui Joana multiplicou d'esse modo o gesto da figa. Camilo, nas *Aventuras*

---

(1) *Cantos populares portugueses,* I, 155, n.º 893.
(2) Folheto anonimo, p. 5.

de Basilio Fernandes, 1863, faz que José Fernando diga a Basilio: «Vae-te regalar, rapaz, vae ver mundo, e volta com bastantes figas para enterrares pelos olhos d'estes invejosos» [1]. Em 1826 publicou-se no Porto um curioso jornal politico chamado a *Figa,* de que só sairam dois numeros, cada um com o gesto como emblema no principio, executado com a mão direita. Diz assim o 1.º numero, em guisa de programa: «Este emblema, e esta epigrafe, tão celebres nesta Cidade, desde a epoca em que a exaltação d'huma exacerbada vingança fazia o timbre dos que se dizião *Realistas,* não ressurgem agora para *rebendita;* renascem para quebrar os olhos dos feiticeiros, que dão quebranto quando encárão presentemente os *verdadeiros Realistas,* que são os homens amigos das Instituições *Liberais,* que tem por honra *ser Constitucionais,* porque o seu Rei assim o ordena». No numero 2.º ha afirmação semelhante, a que logo me referirei. De um soneto manuscrito de Bingre, que faz parte de um poemeto intitulado *Cidadão liberal rindo, com a sua sanfona, dos Corcundas portugueses,* 1822, extraio este quarteto:

Eu bem sei que esta tropa corcundeira
Me ha de assaz praguejar, dar mau olhado,
Mas de figa, azebiche eu ando armado,
Presente de Canidia, a Feiticeira [2].

---

(1) Cap. VIII.
(2) Vi este manuscrito, se bem me lembro, em Aveiro.

Do seculo XVIII podem ver-se as já citadas obras de Fr. Manuel de Azevedo, Bras Luis de Abreu, e João Bautista de Castro, a que neste lugar adicionarei passos de outras obras. Dos meados do seculo, sem data, é o *Banquete das damas,* folheto de cordel, e aí diz Brásia Martins ás suas regateiras

Vinde ca, patuscas Manas.
Como vindes prazenteiras!
tomay, que contra o quebranto
mil figas darvos quigera.
. . . . . .
Figas para as orteloas!

(folheto anonimo) [1]. O poeta burlesco Fr. Simão Antonio, que em seus versos tem várias alusões a crendices e costumes, e que era cego de um olho, dirige-se assim ao presidente de uma das Academias a que pertencia:

Lembra-vos, meu Presidente,
Aquele dia fatal,
Quando huma manhã vos vi,
Talvez antes de almoçar?

. . . .

Não sei se vos enguicei
No em jejum! tal não mostrais,
Mas talvez que a figa fosse
O antidoto principal [2]:

---

[1] Consultei-o na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.
[2] *Rimas sonoras,* Lisboa 1731, p. 126.

o que melhor se compreende, sabendo-se que, por causa da debilidade da pessoa, alguns actos mágicos se realizam com maior eficacia em jejum que depois de comer. Por esse modo hão-de explicar-se uns versos de Nicolau Tolentino, que pertencem a uma das mais chistosas poesias que conheço em português, feita a um fradeleigo, vesgo, a quem um soldado tocára na cabeça com um espadim (o poeta está falando ao soldado):

Homem de tenção damnada,
Só tu conseguiste o fim
De entrar o teu espadim
Aonde não entra nada;
Da repentina estocada
Cahe o Padre desmaiado;
Mas quando recuperado
A ti os olhos volveu,
Sabes o que te valeo?
Foi teres já almoçado. (1)

Do contrário, o leigo, por ser vesgo, ter-lhe-hia dado má olhadura, ou, para dizer com Fr. Simão Antonio, ter-lhe-hia causado enguiço, que ele toma por sinonimo de quebranto. O jejum desempenha ainda outras funções na magia: quem está assim, está um tanto purificado (por isso a Igreja manda comungar em jejum); porém d'isso não tenho agora de tratar.

Continuando a recolher notícias literarias antigas a

(1) *Poesias*, ed. de 1801 (Lisboa), II, 179.

respeito da figa, encontraremos logo no primeiro quartel do seculo XVII a seguinte endecha de Rodrigues Lobo:

Nisa, os teus amores
Estão mal mudados,
Que diz toda a aldea
Que lhes deu quebranto.

Tinhão mil extremos,
Erão muy gabados,
De muito pequenos
Lhes deu mal de olhado!

Olhou-te Lucindo,
O dos olhos brancos,
Que são peçonhentos
Como cão danado.

Não lhe deste figas,
Derão-te cuidados,
A todos suspeitas,
E a muitos agravos:

no romance pastoril *O Desenganado* [1]. Referindo-se no *Viriato tragico* (1.ª edição, 1656) a um premio dado a Adonis na festa da Serra da Estrela em tempos de Viriato, diz Bras Garcia de Mascarenhas:

Hum Cupido de prata com grã figa
De ouro fino, que algum desenganado
Sobre os olhos lhe poz em vez de liga [2]:

---

[1] A 1.ª ed. é de 1614; mas sirvo-me da ed. das *Obras*, Lisboa 1723, p. 400 (discurso 9.º).

[2] Canto XI, est. 65.

já se vê que se nos patenteiam aqui costumes do seculo XVII, e não da epoca lusitana. Ao mesmo seculo pertence Antonio Barbosa Bacelar († 1663), que na *Fenix Renascida* invectiva gongoricamente uns olhos tortos:

Travessos olhos, que na travessia
Deixais os olhos todos derrubados,
Contra quem só tres dedos cavalgados
São na manhã remedio a todo o dia [1],

onde com *tres dedos cavalgados* exprime o gesto da figa, e com *manhã* a importancia mágica da vacuidade do estomago, de que já falei.

Colecção não menos soporifera do que a *Fenix* é a que se intitula *Academia dos Singulares,* 1.ª parte, 1665, 2.ª parte, 1698. Numa das sessões foi assunto «hũa dama, a quem pedindo Fabio hũa prenda, soltou o cabello, & lhe deu com a mão hũa figa» (isto é, lhe fez o gesto da figa). Ao assunto se dedicou um epigrama latino, dois sonetos portugueses, uma canção, uma decima, e quatro romances [2]. Clama um dos poetastros:

Mas se figas haveis dado
a quem olhado vos ha,
que figas merecerá
o que vos não der olhado?

---

(1) *Fenix Renascida,* I (1746), 162. — Ao jejum me refiro várias vezes neste trabalho.

(2) 1.ª parte, p. 7-14. Mais alusões a figas noutras sessões: p. 29 e 146.

e adiante:

pois me tratais por ama,
com figas, como a menino.

Vem outro em seguida:

Nos olhos lhe quebra a figa,
mas Fabio amante confessa
que tomára mil quebrantos
sómente por esta quebra.

Á vista de tais estulticias, é bem de perceber quem é que merecia as figas!

Tambem o nosso grande comico do seculo XVI, tão conhecedor da vida nacional, porém de senso e gôsto literario a que nem de longe se compara o dos singulares academicos, faz que a Velha, na farsa *Quem tem farelos* (1505), rogue esta praga a Aires Rosado:

Má cainça que te coma,
Mao quebranto te quebrante,
E mao lobo que t'espante!
Toma duas figas toma! [1]

No mesmo autor, e em poesias do *Cancioneiro Geral,* de autores contemporaneos d'ele, ou anteriores, respiguei ainda outros documentos, que incluí no terceiro grupo dos empregos da figa, de que me ocuparei em breve. Agora passo a ocupar-me do segundo.

---

(1) *Obras,* ed. de Hamburgo, III, 20.

B. Figa contra varios males

Quando na rua uma pessoa encontra outra que a possa tolher, faz-lhe uma figa com a mão esquerda, e diz:

Alho-pôrro tem tres folhas,
O' maldita (ou maldito) não me tolhas!

até sem ter alho algum na mão, embora ele seja realmente amuleto, que ás vezes se traz na algibeira. Nesta superstição, que é corrente em Lisboa, *tolher* deve significar «enguiçar». Tambem na capital se pensa que, quando alguem encontra uma pessoa de quem não gosta, lhe faz escondidamente uma figa, ou duas (com ambas as mãos), e diz:

Vilôa, vilôa danada,
Quando Deus veio ao mundo, tu não eras *nada* [1],

essa pessoa fica sobressaltada, isto é, sem saber para onde ha-de ir, até que a outra se afaste.

Especial encontro de um preto antes de almôço, por um homem, ou de uma preta, por uma mulher, é muito desfavoravel, e o branco faz-lhe igualmente uma figa, ás escondidas, murmurando:

---

(1) «nascida».

Deus te salve criatura!
Deus me dê tanta ventura,
Como tu tens de negrura!

fórmula de que existe variantes, e se baseia no principio mágico dos contrastes. A superstição tem muita voga em Lisboa, onde, desde o seculo XV, não faltam pretos pelas ruas. Superstição analoga existe aqui a respeito do corcunda ou giboso. Ambas se fundam noutro principio mágico: que o que é estranho é maravilhoso. Creio que na atribuição de má sorte aos pretos influiria a ideia demoniaca que se relaciona com a côr negra [1], ideia que ha muito vivia no espirito do povo, e se definiu melhor depois que ele melhor conheceu os pretos. Com esta ideia coincide o rito de fingir que se espirra diante do preto que se encontra, pois o espirro para alguns povos significa entrada, e para outros saída, de um espirito ruim no corpo, do que ainda conservamos vestigios quando a alguem que espirra respondemos com «Jesus», e «Dominus tecum!» ou um simples «viva!» [2]. Todavia, encontrar um preto de outro sexo dá ventura. São surpresas e aparentes contradições que surgem com freqüencia no caminho de quem estuda o *Folk-lore,* as quais não posso porém agora esmiuçar. Acrescentarei relativamente ao giboso que, cuspindo-se fóra, e esfregando-se o cuspo com o pé, se detem o dano que

(1) Cfr. *Rev. Lusitana,* IX, 74.
(2) Cfr. *Trad. pop. de Portugal,* § 344-m.

ele causa, porque a saliva, já desde a antiguidade, é tida supersticiosamente por profilatica contra muitos males [1]. Outro obstaculo á acção funesta do giboso obtem-se dando um nó num lenço, ou nó mágico, bem conhecido dos etnografos [2].

Se a figa é válida contra a acção sinistra de certas pessoas, sobretudo defeituosas e anomalas, compreende-se que muito o seja tambem contra as Bruxas, est'outras entidades de caracter sobrenatural e malevolo, que tanto martirizam a imaginação do povo. Por isso se usa a figa como amuleto para as evitar, e se faz o gesto, quando se vê uma mulher que se supõe ser Bruxa, ou quando se lhe passa pela porta. Em algumas terras, por exemplo, no concelho da Guarda, supõe-se que as Bruxas causam um borborinho ou remoinho de vento e poeira, indo dentro, e diz-se então que se deve *fazer uma cruz,* mas o que se faz é o gesto da figa, d'onde fica manifesto que o povo viu uma cruz na ligação do dedo indicador com o polegar. A um povo cristão, como o Português, afiguram-se cruzes por toda a parte: na anatomia humana, os quadris, ou região lombar, são *cruzes;* na anatomia animal, a cernelha é uma *cruz;* quando atravessamos uma perna noutra, *cruzamo-las;* e até na ordem moral, por *cruz* se entende trabalho ou tormento. Nestes vai-vens do vocabulario acontecem não raro fenomenos notaveis: assim damos ás

---

(1) Vid. *Etnografia artistica,* VI, 10-17.
(2) Vid. *Signum Salomonis,* p. 70.

extremidades da cruz o nome de braços, pela semelhança que têm com braços abertos; perdida a noção da metafora, a expressão tornou-se real para a mente de quem fala, e por tanto pôde inversamente Guerra Junqueiro chamar *cruz da redempção* aos braços de Imperia [1]. No que toca ainda ao borborinho, desejo observar que a crença de que nele vai uma Bruxa é comum a varios povos da terra [2], e que neste caso a Bruxa representará um espirito da Natureza, d'acôrdo com uma concepção mitologica antiquissima.

Ha uma superstição comum ás Bruxas e ao *Diabo*, tido este tambem como causador de *mal*. Quando a lenha estala no lume, sobre o lar, supõem muitas pessoas que são as Bruxas quem produz o ruido, e por tal motivo dão estocadas na lenha, até que o lume se apague: durante a operação dizem no concelho do Bombarral:

> Figas, Diabo! || Sapo tosquiado || mostarda e alho!
> O que me elas desejam || nelas o vejam!

Sapo tosquiado, isto é, cuja pele é desprovida de pelos (epiteto pleonastico e gracioso); *mostarda,* por causa do seu cheiro forte e acritude, quando aplicada como cataplasma; *alho,* por causa tambem do cheiro. — Teria de me alargar muito para explicar tudo isto, que no

---

(1) *Morte de D. João,* 1.ª ed., pag. III.

(2) W. Manhardt, *Wald- u. Feldk.,* 2.ª ed., II, 37-38, 85, 92 etc.

primeiro momento faz em verdade rir, mas que tem raizes profundas na psique humana: basta notarmos a associação do Diabo com as Bruxas, e o emprêgo da palavra *figa,* que de certo acompanha o respectivo gesto, reforçando-o: porque assim como em Medicina ha a polifarmacia, tambem na Magia um agente se associa a outro, para se obter melhor exito (polimagia).

No concelho do Cadaval, ao ver o povo milhafres ou corvos em volta dos lugares, diz: «figas, Diabos», ao mesmo tempo que faz figas. Áquelas aves de rapina atribue naturalmente funções diabolicas. Expressão paralela a «figas, Diabo!» (no singular) é «Figas, Canhoto!», completada ás vezes com outra, para rima: «Figas, Cão tinhoso!», porque *Cão tinhoso* é nome vulgar do Diabo. Já no *Rigveda* se fala de cães-demonios [1], postoque a nossa expressão não viesse de tão longe, e se deva apenas ao sentido pejorativo que tem na lingua portuguesa em alguns casos a palavra *cão.* A *tinha* é tambem um reforço de repugnancia. *Canhoto* significa «esquerdo», tendo-se pois assim atribuido ao Diabo qualidades de inhabilidade, e por extensão de sentido qualidades de inepcia. Nos *Contos ao soalheiro,* Coimbra, 1876, p. 34, põe igualmente Augusto Sarmento as seguintes palavras na bôca de Francisco, que está dialogando com a tia Michaela acêrca do projectado casamento do filho d'ele: «Figas, Canhoto, se o via caído em tal arriosca!» E Trindade Coelho, nos *Meus Amores:* «Cruzes, Canhoto! arreda

---

(1) Vid. De Gubernatis, *Mytholog. zoologique,* II, 26.

p'ra lá que me pegas a sarna!» [1]. Isto prova a generalidade da concepção. A *sarna* fica equiparada á *tinha* como dermatose asquerosa [2].

Da poesia popular colho mais dois documentos da conexão que se estabelece da figa com o Diabo: um esconjuro, e uma canção. O esconjuro diz:

Cruzes, figas, Anjo-Bento,
Vade retro, Satanás!
Faça-se um defumadoiro,
P'ra tudo ficar para trás!

que ouvi em Lorvão, e se recíta para espantar o medo, quando, por exemplo, se anda de noite. Defumadoiros, ou *fumigações* mágicas, são muito empregados na medicina supersticiosa. A canção (de Alvaiazere) diz:

Rapazes da minha terra,
Meninas do meu lugar:
Dêm *quatro figas ao Demo,*
Não se deixem enganar!

onde *quatro* (para o efeito bastariam duas ou uma) é número redondo e indefinido que significa «muita

---

(1) 3.ª ed., p. 200. — Nos *Ensaios ethnographicos,* IV, 357, reuni algumas notícias acêrca de *Canhoto.*

(2) Cfr. A. Lima Carneiro, *As tinhas na trad. pop. e na literatura port.,* Santo Tirso 1924, onde tambem se refere ao *Cão tinhoso.*

quantidade», como na frase: mais vale um gôsto que *quatro vintens* [1].

Curioso exemplo do emprêgo antidemoniaco da figa no-lo patenteia uma obra mistica do seculo XVIII, da qual consta que um padre-confessor mandava uma freira de Odivelas *dar um par de figas ao Inimigo,* sempre que este a tentasse [2]. Ou submetido a duas, ou a quatro, ou a muitas, ou só a uma, o pobre Diabo devia ver-se quasi tão aflicto com as figas que lhe davam ou faziam, como as criaturas com as tentações d'ele!

Desde, pelo menos, Hipocrates, Pai putativo da Medicina, se sabe quanta acção tem a atmosfera na produção e andamento das doenças e na transmissão das que são contagiosas. Ao povo não escapou o conhecimento d'isto, só com a diferença, que onde o médico descobre, ou descobria, efluvios, miasmas, microbios, o povo imagina, de modo generico, cousas ruins: ar de vivo, ar de morto, ar de excomungado. O ar, para ele, não é unicamente um vehiculo de peste, ou de doença em geral, é um agente nefasto, uma emanação que ele repele com figas, como os outros males atéqui enumerados.

Falta falar do terceiro emprêgo da figa, pertencente porém mais á Etnografia e á Lexicologia, do que á Medicina.

---

(1) Acêrca do número quatro vid. *Rev. Lusit.*, XVI, 289 ss.

(2) Apud Borges de Figueiredo, *Mosteiro de Odivellas,* p. 302.

C. Figa como sinal ou expressão de desprêzo etc.

Gestos e locuções andam juntos para manifestar desprêzo, zombaria, má vontade a alguem.

Tentarei uma classificação.

a) Casos gerais

Cantam no Alentejo a seguinte cantiga:

Minha avó, quando morreu,
Ficou com um olho aberto,
E deixou em testamento
Uma figa para o neto [1],

isto é, não lhe deixou nada, ou deixou-lhe pez para os olhos, como tambem dizemos.

Analogamente se lê num entremês de cordel, do seculo XVIII:

«Ainda queres mais comer? *Come uma figa*» [2],

o que corresponde a: vai comer ao Inferno; come cousa que não preste, já que não mereces mais; come uma *sénica,* ou «arsenico», que te mate.

No seculo XVII tratou fantasiosamente da origem

---

(1) A. Th. Pires, *Cantos pop. port.,* I, 155, n.º 896.
(2) *Entremez da assemblea do isque,* Lisboa 1770, p. 15.

da figa Domingos Pereira Bracamonte, natural de Amarante; mas enumera algumas das qualidades que o povo lhe atribue, por exemplo, «a de negar alguma cousa com desprezo, quando um galan pede favores a uma dama, se ella responde com uma figa» [1].

Do seculo XVI para o XVII escreveu Soropita: «e o bom do rapazão.. ainda agora ali estava ancorado na cuba da Boa-Vista, com *quatro figas* nos pavezes para o madraço do Palmellão» [2], onde por *figas para* se entende «figas contra». Temos outra vez aqui o número «quatro», como ha pouco.

E Antonio Prestes, seculo XVI:

> .. quando comeres migas,
> Para ti se tornem figas! [3]

ideia paralela á que se exprimiu no citado entremês.

Um contemporaneo de Prestes, isto é, Antonio Ribeiro, o Chiado, escreveu: «quem se corre [4] || de lhe tirar [5] pulga ou piolho, || *metam-lhe figa no olho*» [6]. A frase que o poeta empregou a modo de rifão equivale a: apresentem-lhe uma figa, fujam d'ele.

---

(1) *Banquete que Apolo hizo a los embaxadores del-rey de Portugal,* Lisboa 1642: apud Alberto Pimentel, *Atravez do passado* (que já citei acima), p. 211.

(2) *Poesias e prosas ineditas,* ed. de Camilo, p. 36.

(3) *Autos,* ed. de T. de Noronha, p. 459.

(4) = quem se envergonha.

(5) = de lhe tirarem.

(6) Ed. de A. Pimentel, p. 166.

Finalmente, no *Cancioneiro Geral* encontrei os versos que vou transcrever:

Oxalá me visse eu
co' ele já nessas briguas,
para lhe *paguar em figuas*
todo o seu,

referidos a Jorge de Oliveyra, que cobrára dinheiro excessivo por um despacho [1]; e:

Bem *mereço eu myl fygas*
& fadyguas
poys que perco meus cruzados,

postos na bôca de Vasco Abul, a quem uma rapariga não quisera restituir uma cadeia de ouro que este lhe havia dado por brincadeira [2].

b) Especie de praga

Nas *Pupillas do Senhor Reitor,* 1867, lê-se este diálogo entre o Reitor e João Semana: — «Então deixaste alguma sangria mal vedada, João Semana? Ah! Ah! — *Uma figa para a graça!* disse o cirurgião contrariado» [3]. E nos *Rasgos metricos,* seculo XVIII, diz Alexandre Antonio de Lima:

---

(1) T. III, p. 279.
(2) T. III, p. 524.
(3) Pag. 129 da 18.ª ed. (1917).

Tu não ouves, rapariga?
Anda, *valha-te huma figa* [1].

A expressão que aqui vemos corresponde a muitas outras de que a linguagem quotidiana se sobrecarrega sem cessar, como: *valha-te a breca! valha-te o Porco Sujo!* ás quais na origem se ligou sentido efectivo, pensando-se que o mal, assim expresso, recaía na pessoa a quem ele se desejava: com o andar do tempo, e os progressos da instrução, degeneraram em meros bordões de estilo. Ainda assim, o povo em Lisboa acredita a serio que *casa praguejada,* ou em que muito se pragueja, *nunca é ajudada.* Aquilo que uma vez se enraizou no espirito, tarde se desenraiza!

Comparaveis á expressão *valha-te uma figa* podem considerar-se as seguintes, que se lêem, por exemplo, nos *Contos ao soalheiro: ó bonifrate d'uma figa! Bruxa d'uma figa!* [2]; nos *Mysterios do Alentejo: remolga d'uma figa!* [3]; na *Familia do antiquario,* seculo XVIII: *pobretona de huma figa!* [4]; nos *Disparates de hum acêrto,* do mesmo seculo: *senhora sopeira de uma figa!* [5] O que tudo equivale a: «Fulano ou Fulana, és tão desprezivel ou tens tanta maldade, que mereces que te façam uma figa!». Con-

---

(1) Lisboa 1742, p. 148.
(2) Pag. 12 e 114.
(3) Pag. 22. — *Remolga* em calão quer dizer «mandriona»: vid. A. Bessa, *Giria,* s.v. «remolga».
(4) Lisboa 1773 (comedia de cordel), p. 23.
(5) Lisboa 1764 (cordel), p. 4.

siderando figa a propria pessoa, pois de se desejar mal a um individuo, facilmente se passa a chamar-lhe mau, diz Marta Gil de si mesma, com ironia, ao Diabo, no *Auto da barca do Purgatorio* de Gil Vicente:

Embarcade la esta *figa* [1],

isto é: «embarcai-me agora a mim».

c) «Fazer» ou «dar figa»

Faz-se uma figa a uma pessoa ou a uma cousa, com o intuito de a rebaixar. Assim afirma o povo, como tenho ouvido.

Uma cantiga confirma isto, quanto a Melgaço:

Eu a todos *faço figas,*
Faço figas, figas, figas:
Vem o Demo do rapaz,
Entra ao rol das raparigas!

isto é, vem intrometer-se na roda onde elas estão. «Para *arrenegar um rapaz* qualquer! explicou a mulher que m'a ditou; mas ele ri-se, e volta ainda mais de pressa, se é atrevido!»

Tambem o folgazão Francisco Palha versejou de modo semelhante, quando pôs um sapo a discretear assim na serra de Sintra:

---

[1] *Obras,* I, 258.

Cantigas! boas cantigas!
Quem trinca, trinca, trincou;
As doninhas que hei papado,
Por mais *figas, figas, figas,*
Ninguem d'aqui m'as tirou,

o que alude á opinião de que a doninha se mete automaticamente na bôca do sapo [1]. *Por mais figas,* isto é, *por mais figas que me façam.*

Outra cantiga popular, ouvida por mim no Sul:

Não venhas á minha rua,
Não te assomes ao mê canto,
Não venhas cá *fazer figas*
A quem te queria tanto.

Ainda nas mais graves circunstancias as pessoas supersticiosas ou amigas da tradição não se esquecem da figa. Conta um jornal [2] que um Tenente-aviador, ao passar por sobre um sitio em que, havia tres anos, por causa de incendio do seu avião, tivera de aterrar, *lhe fez uma grande figa,* segundo declaração d'este. E' claro que o Tenente quis dizer que olhára para o sitio com horror; mas convem arquivar a expressão de que se serviu.

Dentro do mesmo círculo de ideias penso que

---

(1) *Musa Velha.* — Devo á Ex.ma Senhora D. Maria Angelica Furtado de Mendonça, da Rapa, a indicação d'estes versos.

(2) *Diario de Noticias* de 12-V-1925.

ha-de explicar-se um adagio publicado por Bluteau no seculo XVIII: *Hũa figa ha em Roma || para quem lhe dão & não toma* [1], ou por outra: a côrte papal faz uma figa àqueles a quem lá se dão ou concedem graças, e de quem ela não recebe nada em pagamento.

No *Auto da Natural invenção,* de Chiado, trava-se este diálogo entre o Escudeiro e o seu Moço, a proposito da namorada do primeiro:

ESCUDEIRO:
Se eu hoje, por tua industria,
fallo a essa rapariga,
tens de mim . . .
MOÇO: Quê?
ESCUDEIRO: Esta figa!
pois que queres que te diga? [2]

onde *figa* aparece por gracejo.

Era porém tal no seculo XVI a crença na ruindade do gesto, que em 2 de Janeiro de 1553 Afonso Anes denunciou á Inquisição um cristão-novo, por este «*fazer figas* ao Santissimo Sacramento» [3]; e em 1547 o Governador da India, por os moradores e capitão de Goa não terem acudido a Bardês e Salsete contra os Mouros, escreveu á Camara, dizendo-lhe «*que lhe*

---

(1) *Vocabulario,* t. I (1713), p. 110. Em Roland vem *toma* na primeira parte do adagio, em vez de *Roma,* por engano, e assim copiaram os colaboradores do *Grande Dicionario!*

(2) Ed. do C. de Sabugosa, Lisboa 1917, vv. 781-784. No texto está *que to diga;* parece será *te.*

(3) A. Baião in *O Archivo Hist. Port.,* VI, 477.

dava muytas figas pera todos os que tomárão tal achaque.. e na carta lhe mandou muytas figas pintadas», [1].

*

Sinonimo de *fazer figas* é *dar figas,* que aparece em algumas canções populares, e sobretudo na literatura antiga. Das canções populares já acima vimos uma. Agora temos outras:

Quero cantar e bailar,
Dar quatro *figas* ó mundo:
Quem se meter no inferno,
Que se meta bem no fundo.

(Alentejo) [2];

Chapeu de moeda d'ouro
Ninguem no tem coma o meu:
Hei-de amar a quem quiser,
Dar figas a quem m'o deu...

(Cadaval);

Quem me dera «5 reis»
Para comprar uma *figa,*
Para dar àquela esperta...
Que lhe importa a minha vida?

(algures);

---

(1) *Lendas da India* de G. Corrêa, IV, 616. No texto das *Lendas* reproduzem-se as figas da carta.

(2) A. Th. Pires, *Cantos pop. port.*, I, 156, n.º 897.

Tenho «5 reis» em prata
Para comprar uma *figa,*
Para dar ás invejosas
Que falam na minha vida . . .

(Lisboa); esta última, com uma variante no primeiro verso: «*Tenho «5 reis» em ouro* (tambem de algures). Primeiro, como se vê, disse-se simplesmente «5 reis», que se subentende que eram de bronze; depois o bronze mudou-se em prata e em ouro, por arredondamento poetico, e porque a figa, de verdadeiro amuleto, se tornou, como já notei, objecto *valioso, feito* de qualquer d'aquelas *duas substancias* [1]. Segundo a minha interpretação, o povo não atendeu ao rigor logico, e só á ideia de valor, que lhe pairava no espirito. Nas duas últimas cantigas, que no conjunto são variantes de uma que acima transcrevi, onde se fala de «meio tostão» (pag. 28), ha trocadilho entre o nome do gesto *(dar figa)* e o do amuleto, como objecto material, que se compra e *se dá,* ou oferece, a alguem. Outros textos nos falam de figas dadas realmente por prenda:

Eu tenho uma figa d'ouro
Ao canto do meu bahu,
Para dar ao meu marido . . .
Queira Deus que sejas tu!

---

(1) Com quanto houvesse nos seculos XV e XVI uma moeda de prata chamada *cinco* ou *cinquinho,* que valia a quarta parte de um *vintem,* isto é, «cinco reais», não viria de tão longe a quadra; além d'isso nunca houve *cincos* de ouro.

diz uma cantiga colhida por A. Th. Pires [1]; e acima (pag. 27) transcrevi outra que ouvi no Alentejo (Vidigueira). Num insipido mas etnograficamente curioso poema do seculo XVIII lê-se tambem:

Passada a Pascoa, seguem-se os *Prazeres:*
Tempo de hir aos Prazeres, e escolheres
Os corações dourados, *negras figas,*
Para off'recer ás loucas raparigas [2],

isto é, ir á festa dos Prazeres comprar figas de azeviche, e objectos cordiformes.

Fechado este parentesis acêrca da figa, dada como prenda, passarei a transcrever trechos literarios de seculos passados, a respeito da frase *dar figa.*

No *Saloyo cidadão,* comedia de cordel do seculo XVIII, temos este dialogo:

— Então dá-me um abraço?
— Hum abraço? Huma figa.
Já você queria? [3]

Noutra peça de cordel, do mesmo seculo, *Acto da forneyra de Aljubarrota,* lê-se: «.. Algarve, em cujo reyno, ainda que seus moradores [não] possão muito, contudo sempre *dão figas* a muitas terras de Portu-

(1) *Cantos pop. port.,* I, 155, n.º 895.
(2) *Diario Secular* de J. P. Soares, Lisboa 1794, p. 18.
(3) Lisboa 1773, p. 6.

gal» [1]. Temos aqui mais um trocadilho entre *dar figas,* e *dar* ou produzir *figos,* visto que a nossa extrema provincia meridional é terra de figueiras; ou talvez aqui se tome *figas* por «beberas», e então o trocadilho fica ainda mais apurado.

No poema joco-heroico, *Benteida,* de Alexandre A. de Lima, de 1752, o heroi está transformado em mulher; e depois:

qual a *figa lhe dá,* qual o abençoa [2].

Nas *Rimas Sonoras,* que já citei, de Fr. Simão Antonio, fala-se de cosmeticos:

. . Do unguento cetrino
Ha duas caxas cheas de contino,
Que *dando* a muitos *figas,*
Servem de campa ás covas das bexigas [3].

Bluteau arquivou em 1713 o proverbio: «urinar claro e *dar duas figas* ao medico», que mostra que, para o conceito popular, logo que a urina se apresente com os caracteres fisicos normais, a doença não tem importancia. Na Hespanha corre o mesmo proverbio [4], e

---

(1) Lisboa 1761, p. 2.

(2) Canto III, est. 52.

(3) Lisboa 1731, p. 293-294. *Cetrino:* vid. Moraes, e o *Dicc.* da Academia Hespanhola.

(4) *Mear claro, y dar una higa al médico:* em Sbarbi, *Monogr.,* p. 54.

de lá nos veio provavelmente o nosso; mas, ao passo que nós, dando maior importancia ao médico, dizemos *duas figas,* os Hespanhoes contentam-se com uma.

Do seculo XVII, além do que a outro proposito já citei acima (pag. 30):

.. dou-me hũa figa,
Já que não mereci mais,

diz Simão Machado [1], e igual frase se lê em versejadores da *Fenix Renascida* [2], e em Soropita (sec. XVI-XVII); neste último:

Namora uma menina de dez anos,
Que lhe chora no colo e *dá-lhe figa* [3].

A expressão que acima interpretei *dar quatro figas,* que vimos numa cantiga popular e em Soropita, aparece várias vezes no seculo XVI: Jorge Ferreira emprega-a, pelo menos, na *Aulegrafia,* duas vezes [4], e na *Eufrosina,* uma [5]. Confirmando a minha interpretação de *quatro* no sentido de «muitas», diz Afonso Alvares, dirigindo-se ao seu antagonista Chiado: *.. dou-te quarenta figas!* [6], o que combina com os versos de cor-

(1) *Comedias,* 1631, fls. 31.
(2) T. I (1746), p. 375; t. V (1728), p. 15.
(3) *Poesias e prosas ineditas,* p. 52.
(4) Fls. 64 v., 84 v. A unica ed. que existe é de 1619.
(5) Ed. de 1786, p. 113.
(6) Ed. de A. Pimentel, p. 198.

del mencionados ha pouco (pag. 30), onde se lê *dar mil figas*. Vê-se que ainda eram precisas mais mãos, para as fazer, do que as que tinha o gigante Briareu!

A mesma expressão, reduzido porém a um o número das figas, a achâmos em Gil Vicente:

Quem te *dera hua gran figa*
Nos olhos bem pespegada!

quando Caterina conversa com Joane no *Auto pastoril* [1].

Tambem em Caminha, tomando por mote uma cantiga velha, que diz:

Quien piensa que tiene amiga
Tiene una higa,
Quien piensa que tiene amada
No tiene nada,

glosou-a assim:

Piensalo quien lo merece,
Mas cuitado,
Pues tan mal se le agradece
Su cuidado.
En pago de su fatiga
Danle una higa,
Y a su alma mal tratada
No le dan nada.

---

[1] *Obras*, I, 133.

Si a pensar esto s'atreve,
A si se ciega,
Porque adonde más se deve
Más se niega.
Siempre a la mayor fatiga
Mayor higa,
Y es su vida bien penada
Y mal mirada [1].

Não falta igualmente no *Cancioneiro Geral* a nossa expressão, variando sómente o número das figas:

Day-me la figua, ó porteyro,
cor de brasa [2].

Sam [3]. . tam honrrado,
que dou tres figas ós Gôdos [4].

E doy tres fygas aa morte,
se vós nam andardes quente [5].

aas boticas dou myl fygas [6].

Ha pouco vimos figas contra os medicos; agora contra os boticarios, e contra a propria morte! Nin-

---

(1) *Poesias ineditas,* ed. de Priebsch, Halle a. S. 1898. p. 392-393.
(2) T. I, p. 464.
(3) « sou ».
(4) T. III, p. 661.
(5) T. III, p. 137.
(6) T. III, p. 245.

guem escapa, pois é desejo natural do homem querer agüentar-se na vida. Novamente temos aqui numeros definidos com significação de indefinidos: *tres* e *mil*. De *tres* afirma o povo que é a *conta que Deus fez*, d'acôrdo com a sentença vergiliana:

numero Deus impare gaudet [1]:

e por isso figura frequentemente na magia. *Mil* a cada passo o dizemos por «muito», ou no falar corrente, ou em falar semi-supersticioso, por exemplo: *com mil Diabos!*

Para além do seculo XV não encontrei textos com a frase *dar figa* ou *fazer figa*, nem tão pouco com qualquer menção de «figa», o que não quer dizer que os não haja.

d) A figa como anulamento de palavra dada

Tenho aqui muito pouco que dizer, pois só sei que em Coimbra se conta, não sei se por brinquedo, se a serio, que se alguem, ao empenhar a palavra de honra, faz uma figa escondidamente com a mão direita, fica *ipso facto*, perante a propria consciencia, desobrigado de cumprir aquilo que prometeu.

Dar um homem a sua palavra de honra corresponde nos povos civilizados á mais solene afirmação

---

[1] Ecloga VIII, 75.

possivel da seriedade do caracter. Nas coisas mágicas, contudo, e ás vezes nas religiosas, tem maior importancia o formal que o real; o que importa, é o que se imagina praticar, e não o que efectivamente se pratíca. Por isso um negociante, quando quer inculcar a um freguês a verdade de um asserto, mete o dedo na casa do colete, e jura: «arrasada seja esta casa, se eu minto», supondo que o frèguês pensa que ele fala da casa de habitação. Os budistas queimam em honra de Buda papel dourado, para ele cuidar que é ouro, e o restituir como tal [1]. Muitos actos que hoje nos parecem, ou são na realidade, gracejos, derivam de estados psicologicos antigos muito serios e muito diversos dos actuais: só por análise historica e miuda os compreendemos ou descortinamos.

D. A figa como protectora de animais e coisas

O papel profilatico ou apotropaico que a figa desempenha como gesto e como amuleto, não é sómente em beneficio de pessoas, é-o tambem em beneficio de animais e de coisas; por fim de contas, sempre em prol do homem, pois que ele utiliza estas coisas e animais.

No Alentejo os *carreiros* ou carrejões e os almocreves penduram varios amuletos, e entre eles figas, na testeira do gado muar, cavalar e asinino, para o preservarem da acção de espiritos malevolos; por causa

---

[1] In *L'Anthropologie,* XIII, 135.

ainda de *mau olhado* é costume pôr ao pescoço de um burro recem-nascido uma coleira encarnada, de que pende uma bolsita com alho e uma figa [1]. A virtude dos amuletos está no último caso reforçada com a côr da fita, porque o encarnado goza de virtudes mágicas em varios povos, e já desde a antiguidade, como podia aqui provar com muitos exemplos.

Em Alcacer do Sal, quando nasce um bezerrinho, põem-lhe ao pescoço uma figa, tambem por causa de quebranto; quando cresce, tiram-lh'a [2]. O mesmo praticam na Figueira da Foz [3]. Fica manifesto que o animal, quanto mais tenro é, mais sujeito *naturalmente* o julgam ao influxo de entidades ou males sobrenaturais.

Depois dos animais as coisas. A figa póde ter-se em casa, em qualquer parte, para defesa d'esta, especialmente pendurada do leito de dormir, ou de um berço. Em Angra até a atam a uma máquina de costura, para não *emperrar,* o que se atribue a mau olhado. Ha anos comprei para o Museu Etnologico um prato de faiança, que julgo ser do seculo XVII, o qual tem no fundo, entre ornatos de caracter vegetal, a seguinte pintura: uma figa voltada contra o olhar de uma pessoa que jaz muito proximo d'ela. A figa está mal desenhada; todavia não ha dúvida que é figa. Vid. a fig. 2. Acho bastante significativo o desenho: quis-se

---

(1) A. Th. Pires, *Amuletos alemtejanos,* Elvas 1904, p. 32.
(2) Informação que lá colhi.
(3) Goltz de Carvalho in *Portugalia,* I, 347.

que quando alguem comesse no prato, os alimentos, lhe não passassem quebrantados para a boca. Ha do mesmo modo vasilhas que por motivo analogo, quanto a liquidos, têm figurado um sino-saimão, est'outro vivaz amuleto português.

Numa comunicação, que o ilustre oficial de Marinha o S.or Quirino da Fonseca fez á Associação do Carmo em 19 de Abril de 1924, mencionou, a par de muitas naus com denominação religiosa, uma do tempo de D. João II, chamada *Figa*. No meu entender, esta nau teria pintada na proa ou no costado uma figa que lhe evitasse qualquer dano sobrenatural; e da pintura lhe proviria o nome. Uma figa possuia então, como ainda hoje, quasi as mesmas virtudes mirificas que uma cruz, uma imagem de santo, ou um sino-saimão, que realmente por vezes se vêem pintados em barcos. Os Egipcios, os Etruscos, os Gregos figuravam tambem olhos nas suas naus com intuito analogo [1].

Da figa, como protectora de edificios, mencionarei adiante um caso notavel da Galiza, pertencente á idade-média.

III. O VOCABULO *FIGA*

Ao vocabulo português *figa* correspondem vocabulos analogos noutras linguas, como se dirá adiante, quando se tratar da origem da superstição.

---

[1] Vid. um artigo que escrevi na *Estrela do Minho* de 19 de Agosto de 1923.

O nosso tem no uso vulgar duas fórmas, que convem arquivar, por se relacionarem intimamente com a doutrina exposta no capitulo II: *figueda* ou *fig'da,* que ouvi no Alandroal, e *finga,* que ouvi na Figueira da Foz. Em *figueda* influiu manifestamente, por etimologia popular, a palavra *figado* [1], o que se deduz do caracter apotropaico da figa, e de depender do figado, na concepção do vulgo, e na da antiga Medicina, o chamado *temperamento bilioso,* d'onde até vem a expressão familiar *Fulano tem maus figados,* com *figado* no plural, como noutras linguas romanicas [2]. *Finga* parece-me que resultou do cruzamento de *figa* com o verbo *fincar,* pois que, sendo a figa destinada, como disse, a deter ruindades da vista de outrem, *finca-se* para isso nos olhos do malvado, ou «enterra-se», para me servir da expressão camiliana que ha pouco mencionei.

Por abuso de linguagem, ou antes, por generalização, o povo no concelho de Extremoz chama *figa* a outros amuletos que, como este, evitam quebranto: ao cornicho, e ao dente de verrasco. Acima vimos (pag. 37) que, por causa do seu feitio, se dava á figa na Guarda, como gesto, o nome de *cruz.*

---

(1) Vid. *Rev. Lusit.,* IV, 223 (§ 34).

(2) Vid. Schuchardt in *Zs. f. roman. Philologie,* XXVIII, 436; e cf. 440.

IV. MODO DE TRAZER O AMULETO CHAMADO *FIGA*

A figa, como amuleto, anda por exemplo, no pulso de mulheres e crianças, ou ao pescoço, pendente de um colar. Os homens trazem-na na corrente do relogio. Escreve Fr. Manuel de Azevedo na *Correcçam de abusos* (seculo XVII): «as velhas ardilosas & matreyras, que tudo adivinhaõ & experimentaõ, nas suas crianças põem no hombro, pescoço, ou maõs, figas de azeviche, & fios de contas miudas, para as assegurarem de feytiços & quebranto» [1].

Póde o amuleto trazer-se junto de qualquer peça de vestuario, já cosido ocultamente a ela (Figueira da Foz) [2], já á mostra:

Chapeu de meia moeda
Traz o meu amor *ó* campo,
Cercado de figas d'ouro
Para lhe não darem quebranto,

como afirma uma canção do Alentejo [3]. Nicolau Tolentino retratou-se a si proprio do seguinte modo:

---

(1) Parte II, tratado I, cap. 9.º, p. 83.
(2) Goltz de Carvalho in *Portugalia,* I, 347.
(3) A. Th. Pires, *Cantos pop. port.,* I, 155, n.º 894.

Colchete no cabeção,
Sahi novo Adonis bello,
Figa no coz do calção,
Carrapito no cabello,
E hum biscoitinho na mão [1];

e em 1794, na procissão do Corpo de Deus, nas Ilhas Adjacentes, os tabaréos (soldados mal exercitados) levavam

Na véstia e nos calções grosseiras figas,

segundo o autor do *Diario Secular* [2].

Umas vezes o amuleto traz-se sózinho, outras aos pares, como parece inferir-se de um documento do seculo XVIII, citado por Borges de Figueiredo [3], outras junto com varios amuletos. Ao conjunto chama *cambada* o já citado jornal portuense *A Figa,* n.º 2, e enumera alguns dos amuletos.

Em vez de *cambada,* que porém é boa palavra, tenho ouvido dizer *cambolhada* [4], e de modo geral *arrebiques.* Além de andar a figa em *cambolhada,* ao pescoço, no braço etc., associa-se artisticamente a outros amuletos, fazendo um todo com eles. No presente trabalho vemos a figa assim associada muitas vezes ao cornicho (n.º 17 a 22, e 23 a 29), e uma vez asso-

---

(1) *Obras,* I (1801), 90.
(2) Lisboa, 1794, p. 22.
(3) *Mosteiro de Odivellas,* p. 302 (lugar já citado acima).
(4) Cfr. C. Marta & A. Pinto, *Folclore da Figueira,* II, 86.

ciada á meia lua (n.º 30), que é amuleto infantil de grande voga. Quando a figa está associada ao cornicho, este faz as vezes de ante-braço. Tambem no estudo que consagrei ao *Signum-Salomonis,* publicado em 1918, inseri quatorze amuletos mixtos, onde entra a figa [1]. Os antigos agrupavam a cada passo divindades e atributos divinos a amuletos [2]: tudo isto segundo o principio da polimagia, enunciado acima, (pag. 39).

Mais talvez por causa da sua fórma regular, que se presta a aplicações artisticas, do que pelo seu sentido mágico, embora não perdido este totalmente, fabricam-se varios objectos de uso, de fórma de figa, ou adornados com ela. No Museu Etnologico existe um frasquinho de vidro coalhado, destinado a perfumes, que figura um braço cuja mão faz uma figa; vi dois semelhantes, mas com esmalte, em casa de um curioso, em Viana, e creio que outros tenho visto analogos em museus estrangeiros. No Museu Etnologico ha mais os seguintes objectos de osso: ganchos de meia (figs. 36 a 38 etc.), uma agulha de fazer malha (fig. 40), *bicos* de escapelar (figs. 41 e 42), uma caneta ou pena de escrever (fig. 43), cada um d'eles com uma das extremidades elegantemente afeiçoada como braço terminado em figa, e tambem uma guitarrinha (fig. 44), feita por simples curiosidade, com o respectivo *braço* terminado

---

(1) *Signum Salomonis,* Lisboa 1918, pg. 92-93 (separata do *Arch. Port.,* vol. XXIII), figs. 104 a 108, e 110 a 113.

(2) Vid. *Religiões da Lusitania,* III, 352-356.

do mesmo modo. Sei, além d'isso, que uma criada de certo hotel de Lisboa costumava trazer nas orelhas brincos pretos, cada um de fórma de figa, talvez feitos de massa.

Disse eu que me parecia não estar ainda extinto o sentido mágico: de facto, todos estes objectos são de uso, ou representam objectos de uso, e neles pois freqüentemente se pega, o que equivale a ter na mão um instrumento apotropaico de grande valia.

V. ACRESCENTOS AO QUE FICA DITO DO GESTO E DO AMULETO

Se, com poucas excepções, o amuleto se traz ás claras, ou como objecto destinado a evitar que de longe ou de perto advenham males a quem o usa, ou como objecto artistico, que ás vezes é, e que por tanto deve ser visto de todas as pessoas, — o gesto, pelo contrário, quando se dirige contra um inimigo individual, ou contra alguem que com ele possa naturalmente ofender-se, faz-se ás escondidas [1]. Assim era já em tempos antigos, como consta de Gil Vicente:

Qualquer que disser que é resuscitado,
Dar-lhe-ão ũa figa debaixo do manto [2],

---

[1] Cf. tambem o que se disse supra (pag. 35).
[2] *Obras*, I, 352.

e como tambem se lê num poeta do *Cancioneiro Geral:*

> Dar de baixo do mantão
> figua a quem der na trincheira [1].

O povo, de muito crer na virtude do azeviche contra o mau olhado, chega a afirmar peremptoriamente que a figa estala, quando exposta a este, o que eu e outros investigadores temos ouvido com muita freqüencia [2]. O mesmo acontece, já se vê, com contas feitas da mesma substancia: e as mulheres até apresentam ás vezes contas quebradas, como prova, a quem duvída. O mesmo se lê em 1826 no jornal portuense *A Figa,* de que já falei; e que a crença provém do passado, o demonstra o seguinte passo da *Correcçam de abusos:* «contaõ os naturaes que para preservar de olhado, & quebranto tem (o azeviche) tanta efficacia, que primeyro elle se deyxa quebrar em mil pedaços, que consentir que a maligna qualidade do olhado mao passe a alterar & fazer enfermar a creatura que o trouxer consigo no braço, ou pescoço, dependurado» [3].

Refere o ilustre etnografo e Professor, o D.or Augusto César Pires de Lima, que em Santo Tirso as figas estão a ser substituidas por medalhas e cruzes [4]. O mesmo acontece em muitas terras, por exemplo, na Beira, e

---

(1) Tomo III, p. 281.

(2) Cf. A. A. Pires de Lima, *Trad. pop. de Santo Tirso,* I, 23 (extr. da *Rev. Lusit.* vol. XVIII).

(3) Parte II, trat. I, cap. 9.º, p. 85.

(4) Obra citada supra, nota 2, ibidem.

nos Açores, o que atribuo a obra dos padres. Pelo contrário as mulheres em Lisboa fazem grande aprêço da figa, por influência, como penso, dos ourives que vendem figas de prata e ouro de todos os tamanhos e preços: numa rua de Lisboa, até houve, como me informam, uma ourivezaria que tinha por insignia uma figa muito grande, exposta num mostrador. Tudo vai do sentido que se liga ás cousas. Ao passo que quem traz consigo uma figa, é para afastar males, aqui a figa é para atrair frèguezes! E é claro que mais razão assiste ao ourives do que a estes! As ourivezarias do Porto tambem espalham figas para muitas partes, principalmente para o Norte e para a Beira. Em regra vendem-se figas de pouco preço em todos os mercados e feiras: e nisso está outro motivo de não morrer a superstição, ajudada a perpetuar-se sob fórma de dixes.

Falta juntar breves considerações acêrca do fabrico, comércio e estetica das figas.

As figas de ouro e prata provêm de indústrias caseiras que se exercem em Gondomar, Avintes, e outras terras vizinhas do Porto. Ha-as massiças e ôcas. As massiças são fundidas segundo os processos normais de fundição (areia, gesso, siba, ou osso de chôco, tambem chamado pelos ourives *casca),* e depois cinzeladas. As ôcas são estampadas com cunhos de aço, ferro e bronze. Tambem ha um processo especial de fundição, que se denomina *de ceras perdidas,* pelo qual se fórma logo uma figa muito acabada e artistica, sem intervenção de cinzel. De varios ourives tenho sabido que as figas que mais se fazem, e que o público procura e prefere,

são as esquerdas; figas da mão direita, sómente por encomenda se fabricam. Isto concorda com o que escrevi supra, pág. 23. As figas de ouro e prata entram no mercado por intermedio de corretores que as tomam em Gondomar etc., á consignação, e as dispersam por todo o Portugal; quando não conseguem vendê-las todas, entregam as restantes aos fabricadores.

As figas de coral, madreperola e azeviche são esculpidas. Segundo informações que me deram, havia d'antes em Lisboa, ainda na primeira decada do presente seculo, ourives escultores que as faziam, e depois as passavam ás mãos de outros ourives, para estes as encastoarem de ouro. O *castão,* tambem chamado *engaste,* era ás vezes muito artistico, e até de filigrana. A madreperola vinha da nossa India e da Africa (sobretudo de Bazaruto: ostreiras de perolas). O coral vinha igualmente de Africa. O azeviche, com quanto existam em Portugal jazigos de lignite, de que ele é uma variedade [1], costumam comprá-lo na Galiza, mas provavelmente era oriundo das Asturias, d'onde se forneciam os *azabacheros* de Santiago, de que falarei adiante. Um documento de 1581, respectivo a estes *azabacheros,* gaba a excelencia do azeviche asturiano, que contrastava com o de Portugal, a que chama morto e falso «porque no sufre en si calentura, ni ayre ninguno, y hiende y se quebranta al sol y al ayre» [2].

---

(1) Vid. *Religiões da Lusitania,* I, 136; e cfr. o que escrevi supra pag. 25.

(2) Este documento foi transcrito por Osma, *Azabaches compostelanos,* Madrid, 1916, p. 162.

As figas de coral, madreperola e azeviche, que cá se preparavam, lançavam-se no mercado por muitas maneiras. Hoje, como me dizem, já não se fabricam cá: vêm de outras nações, Suiça, Italia etc.

As figas de osso são feitas ordinariamente por presos, por exemplo, no Limoeiro, na Penitenciaria, na cadeia das Caldas da Rainha. Muitas das figas de osso do Museu Etnologico provêm d'esta última prisão, onde os proprios presos as vendem, através das grades, a quem passa na rua.

As de chavelho e outras grosseiras creio que são feitas avulsamente por curiosos.

As de marmore fabrica-as um unico canteiro de Algés. Nunca vi nenhuma, falo por informações que me deram. Consta-me que as ha de 5 centimetros de tamanho, e maiores.

As de vidro, marfim, galalite e celuloide vêm, todas, ou quasi todas, de fóra (Alemanha, etc.), bem como as de massa, que ora é preta, para imitar azeviche, ora encarnada, para imitar coral, ora de porcelana, para imitar madreperola e marfim, conforme as côres ou tons que lhes dão.

As de azeviche, de tipo compostelano, que cá ás vezes se encontram, são evidentemente importadas da Galiza: n.os 31, 32, 33. O frasquinho de loiça terminado em figa (n.º 45), de que falei a pag. 63, chegou cá, vindo tambem de fóra.

Da proveniencia de figas de ferro não pude saber nada.

De barro conheço um unico exemplar, que é o

que se aqui figura com o n.º 1: d'ele já falei acima pag. 26.

Agora pelo que toca á estética. Além da figa de barro, feita com toda a naturalidade, ha-as de prata e de ouro analogamente apuradas. Em poder de um meu conhecido vi uma de azeviche com unhas de ouro, anel da mesma substancia metido no dedo anular, e punho de camisa cravejado de diamantes. Este individuo é muito rico, e atribue em parte a riqueza ao influxo da figa! Numa ourivezaria de Lisboa vi tambem uma figa com punho de ouro muito nitido. Mas a maioria das outras que conheço são mais ou menos estilizadas, algumas até muitissimo, por exemplo, os n.os 4, 13 e 29, que têm os dedos estendidos (o n.º 4, ao todo, só com tres dedos!); mas a disposição da mão é a da figa. Conquanto entre nós se use a mão natural da toupeira como amuleto, não conheço nenhuma representação artificial da mão humana, tida como tal: pelo que me parece que nos n.os 36, 37, e 38, apesar de estarem aí estendidos os dedos, o artista quis figurar figas. A estilização que aqui se observa é comparavel á de muitas figas galegas, como consta do que diz Osma, a pag. 178 e 234 do seu livro intitulado *Azabaches compostelanos,* a que já aludi, e a que adiante terei de tornar a referir-me.

Na superstição, e tambem não raro nas cousas religiosas, o hábito faz que a ideia chegue a ficar representada por mera esquematização ou simbolo: e o simbolo ou a esquematização é o suficiente.

Na Hespanha floresceu, na epoca iberica, um san-

tuario a que se levavam, como ex-votos, figuras de bronze representativas de seres humanos: com o tempo a arte d'estas figuras decaiu de tal modo, que elas já não passavam de simples pregos ou alfinetes, onde a cabeça significava a cabeça humana, e a haste significava o resto do corpo [1]. Os Romanos, em certo periodo adiantado da sua historia, ofereciam ao rio Tibre, considerado como deus, cabeças de papoulas em substituição de antigos sacrificios humanos [2]. No exemplo que indiquei da Hespanha havia esquematização; aqui havia propriamente simbolismo. Em qualquer dos casos as modestas figas portuguesas têm com quem emparelhem e se consolem no que toca a simplificação artistica. Além d'isso, em muitas figas estrangeiras, que adiante citarei ou figurarei, encontraremos estilizações iguais.

---

(1) *El santuario iberico de Castellar* por Landier, Madrid 1917, est. XXVII, figs. 28-31.

(2) (Perdi a indicação do livro onde li isto).

II

A FIGA FÓRA DE PORTUGAL

Exposto assim o que eu colhêra acêrca da figa em Portugal, passarei a falar de outras terras em que ela tambem existe como amuleto, como gesto ou como simples vocabulo, e tambem da sua origem historica, e significação primitiva.

Começarei pela Galiza, que está tão relacionada geografica e etnicamente com Portugal.

A superstição da figa na Galiza é bastante vivaz. Não só eu a tenho lá observado, mas conheço-a de obras impressas. Em 1924, por exemplo, vi figas de prata, azeviche etc., pendentes do bracinho esquerdo de crianças, contra bruxedo. Rodriguez Lopez, nas *Supersticiones de Galicia,* fala de figas usadas como preventivas de *mal de olho* [1], e o *Diccionario gal-*

---

[1] 2.ª ed., Madrid, 1910, p. 201.

lego-castell. de Valladares diz (s.v.): «figa», especie de amuleto. «Usanle los necios, poniendole al cuello, ó en la muñeca, de los niños. *Facer unha figa á alguèn:* enseñarle el puño cerrado, asomando el dedo pulgar por entre el indice y su immediato, en señal de burla, escarnio, ludíbrio etc., acción sumamente ofensiva y que se cree una verdadera injuria». E sabe-se bastante da antiguidade da figa nesta provincia, pelos documentos coligidos e estudados por Osma, no seu livro intitulado *Catálogo de azabaches compostelanos,* Madrid 1916: havia na Galiza, desde o seculo XIII (pelo menos), confrarias de artifices que fabricavam objectos de azeviche (imagens, aneis etc.), que os romeiros de S. Tiago levavam de lá como recordação [1]; entre esses objectos figuram figas, do seculo XVI em diante: por exemplo, num documento de 1538, mencionam-se *466 manos de azabache* [2], mas sem se expressar o nome de «figa», o qual aparece pela primeira vez num de 1546, onde se lê «santiagos de figas», isto é, figuras em que se vê a imagem do Apostolo pousada sobre uma figa, tipo tradicional da iconografia [3], que tambem chegou ao conhecimento do nosso Amato Lusitano, conforme um extracto tomado d'ele pelo D.or Ricardo Jorge nos seus atraentes Comentos [4]. Osma reproduz varios exemplares de figas com-

---

(1) *Azabaches,* p. 64-65.
(2) *Azabaches,* p. 113.
(3) *Azabaches,* p. 209. Cfr. p. 58, 115, 179.
(4) Porto 1916, p. 132.

postelanas, que vão do seculo XVII ao XIX [1], ora esquerdas, ora direitas, embora o mesmo autor suponha que as direitas são mais antigas [2]. Muitas d'elas estão muito estilizadas [3]. Pela minha parte consegui obter notícia da superstição galega ainda anteriormente ao seculo XVI. Mandaram-me ha tempos da Galiza cópia de uma inscrição para eu decifrar, sob a qual se desenham duas figas formadas com as duas mãos, e dispostas cada uma para seu lado; a inscrição diz: *á las malas lemguass* [4] *estas figuass*, e está gravada em uma pedra que faz parte de uma torre, onde existem siglas dos seculos XIII e XIV. As figas estão, como disse, dispostas cada uma para seu lado, por necessidade da inscultura, mas entende-se que partem ambas da pedra, e que por isso se imaginam os braços estendidos para diante (cfr. p. 74). Era este o caso que eu tinha em mente, quando acima, p. 59, aludi a proteger a figa edificios. A superstição na Galiza podemos supôr que se intensificou por causa do culto de S. Tiago.

Relativamente a outras provincias da Hespanha posso dar informações não menos abundantes.

Nas Asturias, onde estive em 1922, disseram-me que a figa se usa contra mau olhado e bruxedo, e que

---

(1) *Azabaches*, p. 222 ss.

(2) *Azabaches*, p. 179.

(3) *Azabaches*, p. 178 e 234.

(4) =contra as más linguas, isto é, contra quem rogar pragas, ou fizer louvores com má intenção. Vid. o que escrevi no *Boletín de la Acad. Gallega*, n.º 165 (1924), p. 209-210.

é posta ao pescoço dos meninos, ou num dos pulsos. Ouvi chamar-lhe *jiga* (com *j* castelhano) e tambem *cigua*. Efectivamente no *Vocabulario de palavras e frases bables* de Rato de Argüelles, lê-se: «*cigua*, el amuleto que se coloca à los niños en la muñeca ó al cuello, y que consiste en una manecilla de marfil ó de coral, y con lo cual pretenden librar las criaturas de mal de ojo» [1]. Em Vidiago (Lhanes) não lhe ouvi dar nome nenhum especial, apenas a designação perifrastica de *manita de azabache*. No tesouro da Colegiada de Covadonga vi uma figa esquerda de prata, suspensa por uma argolinha, a qual figa estava ali inexactamente como ex-voto representativo de mão doente curada. Ao lado havia uma verdadeira mão, tambem de prata, de tamanho natural.

Tanto o citado Osma, como outros autores que trataram de superstições hespanholas, por exemplo, Salillas, *La fascinación en España* (1905), Publio Hurtado, *Supersticiones extremeñas* (1902), se referem ao amuleto da figa em tempos modernos, já na Galiza e nas Asturias, de que acabo de falar, já em Lião, Salamanca, Zamora, Cáceres, Badajoz, Extremadura, Palencia, Almeria, Jaén [2] No Museu Etnologico reuni as seguintes figas que obtive em Hespanha: uma de azeviche, de Lião, que me pertence, e que suponho foi fabricada na Galiza; uma de Salamanca, muito estilizada,

---

(1) Madrid 1892, p. 35.

(2) Rodriguez Lopez, p. 201; Salillas, pp. 70-79; P. Hurtado, p. 163.

e de substancia preta; uma de Plasencia, de metal branco, ligada artisticamente com o amuleto de meia-lua. Vid. n.os 47 a 49. O S.or Hildburgh, socio da Sociedade inglesa de *Folk-lore,* consagrou aos amuletos hespanhois um artigo em inglês, onde descreve e figura figas de vidro, coral e azeviche que adquiriu em Granada, Sevilha, e Madrid, e se refere a duas dos fins do seculo XVI, mencionadas por Cuming, — todas elas contra o mau olhado; contudo o autor nota que a figa, que até ainda ha pouco tempo era muito querida em Hespanha, tem perdido muito da sua voga primitiva [1].

Da figa na Hespanha, em tempos antigos, ministrarei mais algumas notícias. Osma aduz textos do seculo XVIII, XVII, e XVI e informa que o nome *higa* não aparece em documentos anteriores a este último seculo, supondo sem razão, como logo mostrarei, que ele proveio do francês ou do italiano [2]; atribue a modas dos seculos XVI-XVII e seguintes certa importancia na estimação em que então se tinha a figa em Hespanha [3]. Quanto ao seculo XVII, conta D. Francisco Manuel de Mello, na *Carta de guia de casados,* que uma mulher, estando ele em Madrid, pedira sobre certo penhor doze *reales* para comprar «media dozena de higas de azavache lindissimas [4]. Numa ecloga do seculo XVI, extratada por Wickersham Crawford in

---

(1) «Notes on Spanish Amulets», in *Folk-lore,* Dez. de 1906, p. 454-472. Da figa trata a p. 458-460; e vid. est. V.

(2) *Azabaches,* p. 7.

(3) Ibidem, p. 21.

(4) Ed. de Londres, 1830, pp. 25-26.

The Romanic Review, um rustico *dá una higa* a um pastor, como gesto [1]; e na *Comedia Aquilana,* de Torres Naharro, brada um dos interlocutores ao outro: *arrojote un par de higas* [2]. Em 1411 escreveu D. Henrique de Vilhena um tratado de mau olhado ou fascinação, em que fala de *manezuelas de plata* usadas pelos meninos como amuletos [3]. Finalmente, para me não alongar demasiado, acrescentarei que num achado em Hespanha de moedas arabicas do seculo XIII havia uma figa de azeviche, e que um médico e naturalista que viveu em Çaragoça, de 1085 a 1109, na côrte de Ahmed Almostain, faz referencia a *zabaches* postos ao pescoço de crianças contra mal de ôlho [4]. Em hespanhol corrente, *hacer higas* ou *dar higas* significa desprezar uma cousa ou pessoa, zombar d'ela.

Na França creio que a figa, como amuleto, goza de pouca importancia, ou nenhuma. Entre os 243 amuletos que o S.or Adrien de Mortillet apresentou na Exposição Universal de Paris de 1889 não figura nenhuma figa especificadamente francesa, apenas algumas italianas a que logo me referirei [5]; e contudo o

---

(1) Vid. vol. VI, p. 156. Wickersham junta breves notas comparativas a esta frase, a p. 157-158; e cf. p. 159.

(2) Apud Wickersham, a p. 161, artigo citado na nota anterior.

(3) Apud Salillas, *La fascinacion,* p. 103, e Osma, *Azabaches,* p. 15; aquele tem *manguelas,* este *manezuelas.*

(4) Apud Osma, *Azabaches,* p. 3, 66, e 181 (nota). A figa está gravada a p. 181 d'essa obra.

(5) Vid. *La Société, l'Ecole et le Laboratoire d'Anthropologie à l'Exposition etc.,* Paris 1889, pp. 308-323.

S.or Mortillet não só é Francês, senão que possue grande colecção de amuletos, que já uma vez vi em sua casa, em Paris. Na lingua francesa ha correspondentemente á hespanhola, á portuguesa e a outras, a expressão *faire la figue à quelqu'un* [1], que o *Dictionnaire général* explica assim: fazer-lhe um gesto de zombaria, mostrando a ponta do polegar entre o dedo indicador e o medio.

Num doc. de 1449, citado por Du Cange, fala-se de um individuo que por ofensa fez a outro figas *cum ambabus suis manibus,* dizendo em provençal: *je t'en fau la figua & t'en despiege* [2].

Ou originario da Belgica, ou existente casualmente lá, reproduzo do *Dictionnaire de l'ameublement* de H. Havard um desenho que se conserva na Biblioteca Real de Bruxelas, o qual representa o seguinte: uma caixa do rapé, de marfim, do seculo XVI, com uma figa (direita) numa extremidade [3], caixa comparavel pois ao frasquinho de loiça do Museu Etnologico, de que falei acima. Vid. adiante, n.º 55.

Na Suiça, segundo me informou um natural de lá, a figa raro se usa como amuleto, parece que unicamente a trazem como enfeite; todavia os rapazes na Suiça alemã é costume fazerem o gesto uns aos outros, como sinal de que não se importam de certo assunto

---

(1) Cfr. *Matinées sénonoises ou proverb. françois,* Paris 1789 (sem nome do A.).

(2) *Glossarium,* s. v. «ficha» (=fica). *Despiege ou despieche,* de *despechar,* «desprezar».

(3) T. IV, col. 1107-1108.

de que estão falando, isto é, como manifestação de desdem.

A nação, por excelencia, em que a figa floresce é a Italia. Aí a crença no mau olhado dos *jettatori* é profundissima. Em Portugal tambem a figa, como temos visto, goza de grande aceitação; todavia a crença a que ela se refere não póde comparar-se, em intensidade, com a italiana, sobretudo com a crença napolitana, que excede todos os limites. Nem o Papa Pio IX escapava á fama de *jettatore:* quando os fieis lhe pediam a benção, faziam-lhe figas ocultamente, e uma vez que ele havia de ir a uma praça de Roma, onde andavam operarios trabalhando, estes recusaram continuar a trabalhar com medo do mau olhar que ele, como em geral os *jettatori,* involuntariamente deitava [1]. Ainda que *fica* em italiano tem a significação de «figa», e os AA. estrangeiros, quando se lhe referem, lhe chamam assim e *mano-fica,* expressões que quasi se tornaram tecnicas, a designação culta entre os italianos é *mano in pugno,* porque *fica* é fundamentalmente para eles palavra licenciosa. D'isto terei de tornar a falar adiante, quando chegar á conclusão. Todavia na linguagem familiar diz-se *far le fiche* em sinal de desprêzo, e tambem *far la fico = far la fica.* Nos escritos do Professor Giuseppe Belluci (hoje falecido), que possuia grande colecção de amuletos, que em 1909 me mostrou na sua casa, em Perugia, ha várias noticias do amuleto de que

---

(1) Vid. Elworthy, *The evil eye,* p. 25, e Seelmann, *'Der böse Blick,* I, p. 116-118.

estou tratando: figa de coral, encastoada de prata, figa de osso, com orificio de suspensão, alfinete de cabelo terminado em figa, — tudo contra o mau olhado *(jettatura)* e analogos maleficios [1]. Na Exposição de Paris, a que ha pouco aludi, apresentou tambem A. de Mortillet exemplares de figas, umas que declara serem de Italia, outras sem indicação, mas que tambem seriam de lá, pois vêm acompanhadas da palavra *fica* [2]. A proposito das expressões *fare na fico* e *ecco na fico,* que se lêem no *Pentamerone* de Giambattista Basile, traduzido do napolitano, e comentado, por Felix Liebrecht, Breslau 1846, em dois volumes, escreveu este no volume 2.º uma erudita dissertação acêrca da figa, e da antiguidade das supertições ligadas com ela [3]. Dante no canto XXV do Inferno, tem os seguintes versos (I, 3):

. . il ladro
Le mani alzo con ambedue le fiche,
Gridando: «Togli, Dio! che a te le squadro».

isto é: «o ladrão levantou as mãos, fazendo duas figas e dizendo: — toma-as, Deus! que é a ti que as faço»,

---

(1) *Catalogo della collez, di amuleti inviata all'Esposizione di Milano* (1881), Perugia 1881, n. 97 e 108 (cf. o que acêrca d'este *Catalogo* escrevi na *Rev. Scientifica* do Porto, p. 579 ss.); *Amuletti italiani* (Catalogo della collez. inviata all'Esposiz. di Torino), Perugia 1898, p. 72 (n.º II) e 73 (n.º 16); *Il feticismo primitivo in Italia,* Perugia 1907, p. 48. Vid. tambem: *Bullet. et Mémoires de la Soc. d'Anthrop. de Paris,* Paris 1900, p. 285, n.º 7.

(2) Vid. *La Société, l'Ecole etc.* (já cit.), p. 311.

(3) *Der Pentamerone,* II, 266-276.

aos quais Scartazzini, na edição que tenho presente [1], junta uma nota em que descreve o gesto que nós já conhecemos, «che si fa in sommo dispregio verso alcuno», e se refere a uma rocha que havia em Carmignano onde se figuravam duas figas dirigidas a Florença, rocha destruida no seculo XIII. Tambem o mesmo comentador extracta o *statuto* ou constituição medieval de Prato, em que se cominam penas contra quem *fizer figas* ao ceu ou á imagem de Deus e da Virgem, — o que tem o seu paralelo em «fazer figas ao Sacramento» num processo da Inquisição portuguesa do seculo XVI, a que a pag. 48 aludi. Leia-se *tambem* Du Cange, *Glossarium,* s. v. «ficha». Observa Bluteau, no *Vocabulario Portuguez e Latino,* baseando-se em varios AA., que uma das maiores injurias que podem fazer-se aos Milaneses é dizer-se-lhes *far la fica,* e narra, para o justificar, uma anecdota respectiva ao tempo de Frederico I (seculo XII) [2], a qual encontro reproduzida num antigo livro francês que tenho presente, intitulado *Matinées Sénonoises,* anonimo, Paris 1789, e vem igualmente no citado comentario dantesco de Scartazzini. No Museu Etnologico ha duas figas italianas modernas de osso, encastoadas de metal, com argola de suspensão, e uma de azeviche, ou de massa preta, com um furo. Uma das de osso representa a

---

(1) *La Divina Commedia,* vol. I, *L'Inferno,* Leipzig 1874, p. 278.

(2) S. v. «figa».

mão esquerda, as outras a mão direita. Adquiri-as todas tres na Italia. Vid. n.os 52 a 54.

Diz Carl Sittl, no seu estudo dos gestos dos Gregos e Romanos, que o gesto da figa se usa na Grecia moderna contra o mau olhado [1]; um médico grego com quem falei, em Karlsbad, em 1921, informou-me de que o mesmo gesto indica obscenidade. Liebrecht no comentario do *Pentamerone,* ha pouco citado, lembra que os Gregos modernos exprimem o gesto pelo verbo γειλοχοπῶ, composto de γεῖλος «partes pudendas da mulher», e χοπῶ = χοπτῶ «cortar», «romper» [2].

Da Alemanha (seculos XVII, XVI, e XII), da Boemia, da Polonia, e do Sul da Russia menciona o citado Carl Sittl alguma pouca cousa [3]. Pela minha parte juntarei o seguinte a respeito de alguns d'esses países, e de outros da Europa Central, Oriental e Septentrional.

A Baviera, como proxima da Italia, conhece a figa como amuleto contra várias doenças e bruxedo: no Museu de Etnografia alemã de Berlim vi, em 1921, um amuleto d'estes, de osso, encastoado, e com argola de suspensão [4]. Outr'ora, no mesmo antigo reino, um namorado que pretendia casar enviava á respectiva rapariga uma figa de prata ou de ouro como presente, para

---

(1) *Die Gebärde der Griechen und Römer,* Leipzig 1890, p. 123.

(2) *Der Pentamerone,* II, 274.

(3) *Die Gebärde etc.,* p. 102-103, e 123 (-124), nota 10.

(4) Cfr. Marie Andree, *Volkskundliches,* Braunschweig 1910, p. 118 (e 119).

saber se seria ou não correspondido: se a rapariga lh'a reenviava, tudo estava perdido; se em troca, porém, lhe mandava um coração de prata, era sinal de que o amava; depois ele punha o coração de prata na cadeia do relogio, e ela a figa no cordão do pescoço [1]. Além de servir de amuleto, a figa emprega-se na Alemanha como gesto licencioso para indicar uma mulher de má vida, — informação que colhi em Berlim em 1921. Outro emprêgo, que porém da figa só tem a fórma exterior, e nada do sentido, consiste em fingir por brincadeira um adulto que arranca o nariz a uma criança com os dedos indicador e maximo dobrados, fazendo seguidamente o gesto da figa para indicar que o nariz da criança, representada aqui pelo polegar do adulto, ficou entre aqueles dois dedos.

Na Rumenia, quando entre rapazes um dirige um pedido a outro, por exemplo, de comida ou dinheiro, e este quer recusar, faz uma figa com os dedos, e clama ao mesmo tempo: *figa!* Entre adultos, só muito familiarmente, e por gracejo [2]. Na Bucovína, na Galicia Oriental, na Boemia e na Polonia acontece o mesmo, entre gente môça, principalmente estudantes, quanto ao gesto negativo, — só a palavra varia: na Bucovína e na Polonia dizem tambem *figa;* na Galicia dizem *dúla* no sentido de «nada», embora a palavra signifique

---

(1) *Zeitschrift des Ver. f. Volkskunde,* X, 448-449.

(2) Informação oral do D.or Bacinschi, Professor de Filologia romanica na Universidade de Bucarest, com quem me relacionei em Karlsbad em 1921. Ele informou-me de que *figa* em romeno significa tambem «figo».

«pêra»; na Boemia dizem *fik,* propriamente, *fik ti dám,* isto é, «figa te darei» [1].

Na Finlandia, onde estive em 1921, não se conhece a figa como amuleto, nem como gesto; apenas a fazem de brincadeira, como para arrancar o nariz ás crianças, segundo o que já disse da Alemanha. Na Suecia onde estive no mesmo ano, a figa tem só este ultimo emprêgo. Na Noruega, contudo, alguem me disse que se lhe liga, entre gente môça, sentido de licenciosidade, como na Alemanha e na Grecia moderna.

Tenho-me na minha exposição circunscrito na Europa, embora para terras extra-europeias colonizadas ou influenciadas em tempos modernos por Europeus, eles levassem tambem a figa, como, por exemplo, sei a respeito do Norte de Africa [2] e do Brasil [3]; mas para o meu intuito basta por agora o que aí fica.

---

(1) Informações que colhi em Karlsbad, em 1921, da bôca do D.or Bacinschi (vid. nota 2 de pág. 82), no que respeita a Bucovína; do D.or Markow, de Lwow (Galicia Oriental), no que respeita á Galicia e á Polonia; do Prof. Jan Skola, de Praga, no que respeita á Boemia.

(2) Belluci, *Parallèles ethnogr.* (já cit.), p. 17.

(3) Vi em poder de uma senhora do Minho uma figa de ouro (mão e punho), encastoada do mesmo metal, a qual lhe fôra oferecida em terras de Santa Cruz.

III

A FIGA NA ANTIGUIDADE

Nesta resenha, feita do presente para o passado, a data mais remota a que cheguei, foi o seculo XII; d'então para trás, até á epoca romana, não encontrei textos nem monumentos que me elucidassem no meu estudo. É pois á epoca romana que vou em seguida referir-me. Outrem preencherá a lucuna que deixo aberta, ou eu proprio a preencherei ainda um dia.

Conta Ovidio, ao tratar das festas lemurais, ou dos mortos, que o Romano, cuidadoso das antigas cerimonias, e respeitador dos deuses, se levantava á meia-noite, e fazia descalço, e em silencio, uma figa, para que a sombra dos Manes lhe não aparecesse:

ille memor veteris ritus timidusque deorum
surgit (habent gemini vincula nulla pedes)
signaque dat digitis medio cum pollice iunctis,
occurrat tacito ne levis umbra sibi [1].

Por todo o orbe romano se têm encontrado amuletos representativos da figa, já simples, já ligada com o *phallus,* que por outro lado aparece tambem sòzinho: a este chamavam os Romanos concretamente *fascinum,* d'onde veio o verbo *fascinare.* Nas *Religiões da Lusitania* publiquei alguns amuletos de bronze e de ouro de ambas aquelas especies, aparecidos em Portugal [2], e ultimamente adquiri outro para o Museu Etnologico, de ouro, formado do emblema da geração, que termina de um lado numa figa feita com a mão direita, e do outro numa cabeça leonina (n.º 56). No mesmo Museu ha duas figas romanas, simples, de coral, que comprei em Paris, como provindas de Alexandrette, na Siria, e uma complexa, de bronze, tambem antiga, que comprei igualmente em Paris, mas cuja proveniencia se ignora. Numa publicação italiana do seculo XVII, intitulada *Museo Moscardo,* de que só porém possuo umas folhas, figura-se um amuleto antigo, que julgo romano, formado

---

(1) *Fastos,* V, 431-434, ed. de Ermann Peter, Leipzig & Berlim, 1907. — Estes versos não estão bem interpretados nos antigos traductores e comentadores de Ovidio, por falta de conhecimentos de Magia. Creio que foi Echtermeyer quem primeiro os entendeu bem: vid. Jahn, *Der böse Blick* (p. 80). *Digitis medio cum pollice iunctis,* isto é: «com os dedos juntos com o polegar que lhes ficava no meio». Cf. a nota de Peter. É, como se vê, o gesto da figa.

(2) Tomo III, p. 525-527.

pela figa e o *phallus,* e outro formado simplesmente pela figa [1]. Em Arles, no Sul da França, apareceu dentro de um tumulo um amuleto romano d'aquele tipo, descrito por Gabriel de Mortillet nas suas *Amulettes gauloises et gallo-romaines* [2]; e na Exposição parisiense de 1889 apresentou seu filho Adrien de Mortillet, com os amuletos italianos modernos de que falei acima, mais um amuleto romano como aquele [3]. Da figa na superstição romana trata Lafaye no *Dictionnaire des Antiquités,* s. v. «fascinum». Diz o A. que o gesto se fazia com a mão direita: e de facto isso se vê das figuras que no *Dicionario* se publicam s. v. «fascinum» e s. v. «amuletum»; todavia uma das que publiquei nas *Religiões,* e uma do *Museo Moscardo* parecem feitas com a esquerda.

Para além da epoca romana pouco posso penetrar. Elworthy, no seu livro sobre o mau olhado, menciona um amuleto de fórma de figa como existente no Museu Ashmoliano de Oxford entre amuletos egipcios, e outro no Museu de Bolonha entre amuletos etruscos [4]. Nas antiguidades cartaginesas de Iviça, do seculo VII (ou VI) ao III antes de Cristo, apareceram figas de osso, com orificio de suspensão, e alfinetes de penteado com cabo de igual fórma [5].

---

(1) Verona 1672, p. 50.

(2) Pg. 13-14. Folheto extraido da *Revue d'Anthropologie,* 1876.

(3) *La Société d'Anthropologie etc. à l'Exposition,* p. 311.

(4) *The evil eye,* p. 255.

(5) A. Vives, *Arqueologia cartaginesa,* Madrid 1907, pp. 83 e 86, e est. XXVIII e XXX. Quanto à data, vid. p. VIII.

IV

PROPAGAÇÃO HISTORICA DA FIGA

Talvez a figa passasse do Oriente para a Italia antiga. Da figa romana, como amuleto, é claramente herdeira e continuadora a italiana moderna, que se perpetuou no mesmo solo, e com a mesma intensidade. Da Italia passou ela para a Baviera Alta, e acaso para toda a Alemanha, como pensa Höfler [1]. Da Alemanha passaria para outras nações da Europa Central, Oriental e Septentrional. Quanto á Grecia, não estou no caso de dizer se iria de fóra, se continua tradições antigas, que não conheço, do proprio territorio. A figa da França, da Hespanha, e de Portugal, regiões profundamente romanizadas, é natural admitir que seja tambem hereditaria, como a da Italia, visto que aparece aí desde tempos muito remotos.

As proprias palavras *figa,* em português e proven-

(1) In *Zeitschrift des V. f. Volksk.*, X, 448-449.

çal, *higa* em hespanhol e *fica* em italiano representam fica em latim vulgar, a que em breve tornarei a referir-me. A palavra francesa *figue,* que significa ao mesmo tempo «figa» e «figo», foi levada da Provença, em substituição da arcaica *fie* [1] ou *fi,* que, pelo menos, significava «figo». Alguns autores, como Liebrecht, julgam que o gesto, com as expressões *faire la figue* (em francês), *hacer la figa* (em hespanhol), *dar huma figa* (em português), e bem assim *die Feige weisen* (em alemão), *to give the fico* ou *to fig* (em inglês) seriam traduções ou adaptações da expressão italiana *far una fica* [2]. A semelhança da frase italiana com as restantes é realmente extraordinaria; todavia uma cousa é o gesto e a palavra que o exprime, e outra cousa são as frases. Que a palavra *figa* do português, hespanhol e provençal assenta no latim, e não no italiano, o prova a existencia do *g,* que não póde ter-se desenvolvido do *c* italiano, e apenas do *c* latino em tempos antigos. A sincope do *c* em francês revela de modo analogo que *fie* ou *fi* veio directamente do latim. Ainda que as frases da Peninsula Iberica e a frase francesa *faire une figue,* como a provençal *faire una figa,* pudessem ter provindo de correspondente frase latino-vulgar, não nego o caracter internacional do conjunto das frases, tanto mais que paralela a *far una fica,* era em italiano antigo *dar una fico,* de que se aproximam na Iberia *dar ũa figa* e *dar una higa.*

---

(1) *Dict. génér. de la l. fr.* s. v. «figue».
(2) *Der Pentamerone,* II, 273.

V

SIGNIFICAÇÃO PRIMORDIAL DA FIGA

Qual a significação primordial da figa, como gesto?

Para repelir da gente, dos animais, e de tudo, a acção nefasta que se julgava produzida por certas pessoas e por imaginarios espiritos da Natureza, costumavam os antigos apresentar-lhes hostilmente cousas tidas como pudendas, v.g. os emblemas de um e outro sexo, ou a propria realidade. D'isto trataram com desenvolvimento Sittl no supracitado trabalho dos gestos dos Gregos e Romanos, cap. VI e VII, e Lafaye no *Dict. des antiq. gr. et rom.* s.v. «fascinum». Tambem o nosso Bras Luis de Abreu, no *Portugal Medico* [1], baseado em A A. de várias epocas, assentára o mesmo. Veja-se igualmente o que sobre o assunto escreveu

---

[1] Pag. 626, § 150.

Adolfo Coelho no seu estudo do «Quebranto» [1], ainda que este quis ir um pouco além das doutrinas preestabelecidas.

No Museu Etnologico ha alguns d'aqueles emblemas ou amuletos, de bronze, antigos: dois, de fórma de concha *(Cypraea)*, como representativa da vulva, e outros dois de fórma fálica verdadeira. Na colecção de amuletos de A. de Mortillet, levada á Exposição Universal de 1899, colecção a que já me referi, figuravam exemplares, tambem antigos, de conchas de *Cypraea*, encastoadas [2], e a tradição manteve-se até hoje, pelo menos na Italia, onde se colocam ao pescoço de crianças, contra mau olhado, conchas iguais [3]. Do segundo amuleto não permitem os costumes modernos conservar representação fiel; só d'ele haverá alguma representação velada.

A figa reune em si, conjugando-os, os dois emblemas, embora figurados diversamente, pois se imitam com a posição dos dedos. Alguns dos amuletos lusitano-romanos que publiquei nas *Religiões* [4], e outros antigos que ha por toda a parte, em museus, são de caracter mixto, porque, á figa, apesar do que já significa, se agregou ainda o emblema masculino. Este complexo tipo está hoje reproduzido, quanto a mim, num amuleto

---

(1) In *Rev. de Sc. nat. e soc.*, III, pp. 171-175.

(2) Bellucci, *Catalogo* de 1881 (Exposição de Milão), n.º 115.

(3) Pág. 312.

(4) Tomo III, pp. 525-527.

infantil de osso, usado entre nós, no qual a uma figa se juntou simetricamente um cornicho.

Do acto mental de que resultou comparar-se a vulva com a *Cypraea*, resultou o comparar-se tambem com um figo entreaberto [1], o que da mesma maneira acontecêra em grego, onde σῦκον disfruta as duas significações [2]. A significação sexual conserva-se ainda no italiano *fica*. Em italiano antigo havia, a par, *fico*, em *dar una fico* «dar uma figa». Em português popular, da Beira e do Norte, tambem *bêbera*, ou figo temporão, significa *vulva*. A palavra latina ficus, que quer dizer «figueira» e «figo», e tem a variante ficum, no sentido de «figo», tornou-se em latim-vulgar e em romanço, ora ficu-, ora fica, como outros nomes que com a terminação *-us* significam uma planta, e com a terminação *-um* ou *-a* o respectivo fruto, a baga, etc.: cfr. murtus (ou myrtus), que significa «murta», e murtum (ou myrtum) e murta (ou myrta), que significa «murtinho». Outro exemplo é pirus, que significa «pereira», e pirum, em latim vulgar pira, que significa «pera».

---

(1) Cfr. *Dict. génér. de la l. fr.*, s. v. «figue».
(2) Cfr. Liebrecht, *Der Pentamerone*, II, pp. 272-273.

RESUMO FINAL

Resumindo o que fica exposto, vê-se que a figa, de comêço, foi gesto licencioso, com plena significação física, o qual fazia desviar de pessoas, animais e cousas má olhadura, que se tinha por causadora de graves danos. Depois o gesto tornou-se propriamente apotropaico, isto é, com significação magica ou sobrenatural: por isso se imitou sob forma de amuleto.

No decurso dos seculos, e nas oscilações da civilização, a eficacia da figa enfraqueceu-se numas terras, e ampliou-se noutras, generalizando-se um pouco: o gesto, ou o amuleto, ou o simples vocabulo «figa», serviu para se contrapôr a outros danos, e evitar acção demoniaca, bruxaria, mau ar. D'aqui bastava um passo para que a figa, tambem como gesto, amuleto ou vocabulo, passasse na vida comum a significar não só desprêzo, zombaria, desdem, ainda que ás vezes com uns longes

de magia, manifestados a modo de praga, mas tambem recusa de pedidos, e derrogação de asserções.

Por fim, quando a figa serve de enfeite a uma pessoa, ou completa artisticamente um objecto, póde dizer-se que o sentido d'ela está de todo ou quasi perdido.

Se quem estuda os fenomenos etnograficos se deleita na contemplação de como os costumes nascem, se desenvolvem, e se modificam ou se extinguem, segundo certas normas psicologicas e historicas: o sociologo não póde deixar de confranger-se ao verificar que o espirito humano, apesar da brilhante civilização que o rodeia, está ainda tão pouco esclarecido, que, em vez de dar sempre fé aos preceitos da Medicina e da Filosofia, por ele proprio descobertos, se submete constantemente e sem consciencia a vãs superstições.

Conhecer e explicar estas, para as combater, é pois tambem uma necessidade moral.

ESTAMPAS

E

RESPECTIVAS EXPLICAÇÕES

Estampa I

A. PRIMEIRA SERIE DE FIGAS PORTUGUESAS

1. Figa de barro: mão direita e pulso, de côr natural; vê-se o punho da camisa, branco, que sobressai do extremo da manga. O objecto é de tamanho quasi natural, mas a gravura está aqui diminuida.

2. Prato de faiança, vid. pag. 58-59.

Estampa I

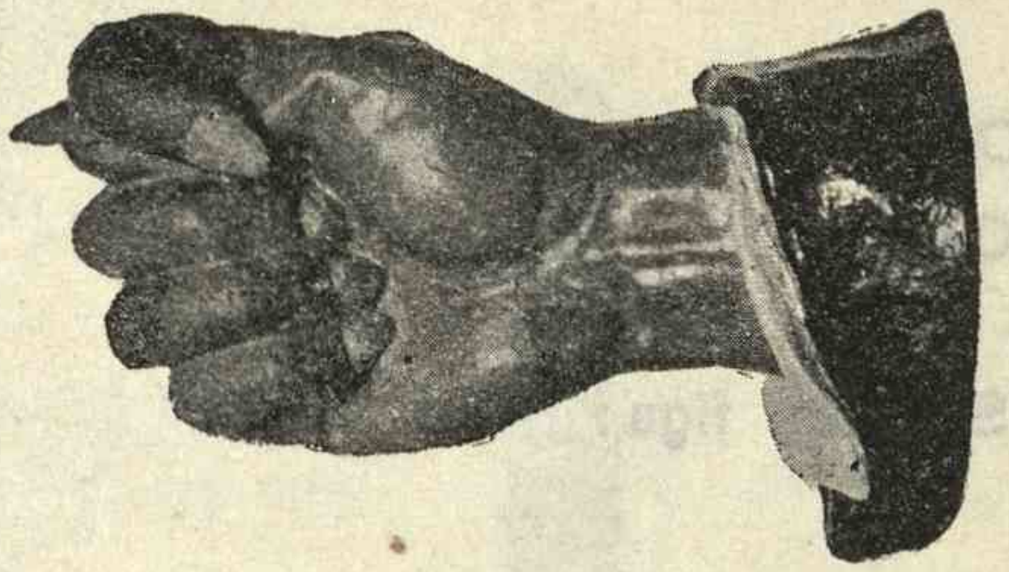


Fig. 1

Fig. 2

UNIVERSITY OF LONDON WARBURG INSTITUTE

Estampa II

B. AMULETOS PORTUGUESES, OU USADOS EM PORTUGAL

a) Simples figa:

3. De chifre: mão esquerda com ante-braço estilizado, e no tôpo superior um orificio de suspensão.

4. Amuleto analogo, da mesma substancia, senão que na parte correspondente ao pulso ha uns sulcos, acaso indicativos de punho de camisa ou manga incompleta.

5. De osso, analogo ao n.º 3.

6. De osso, analogo ao precedente, senão que tem no tôpo superior uns ornatos losanguiformes.

7. De osso: mão esquerda e pulso, com punho de camisa ornado de losangos, e orificio de suspensão no tôpo.

8. Amuleto analogo ao n.º 7, senão que se vê maior porção do ante-braço.

9. De madreperola: mão esquerda com parte do ante-braço, cujo tôpo está afeiçoado para receber engaste.

10. De substancia vermelha, imitativa de coral: mão esquerda, e ante-braço, que tem no tôpo superior engaste metalico com argola (móvel) de suspensão.

11. De azeviche: mão esquerda com parte do ante-braço, que tem no tôpo superior um orificio de suspensão.

Estampa II

Fig. 3

Fig. 4

Fig. 5

Fig. 6

Fig. 7

Fig. 8

Fig. 9

Fig. 10

Fig. 11

Estampa III

12. Da mesma substancia: mão direita com punho ornamentado e provido de orificio de suspensão, no tôpo.

13. De ferro: mão (que mais parece esquerda que direita) com parte do ante-braço, que tem no tôpo superior um orificio, e uma argola móvel.

14. De chumbo: mão esquerda com ante-braço, que tem no tôpo superior uma argola fixa.

15. De prata: mão esquerda com ante-braço provido de orificio e argola móvel.

16. Da mesma substancia: mão esquerda e braço, que tem no tôpo superior um esvasamento oval para suspensão.

b) Figa & cornicho, de chifre:

17. Mão esquerda, e ante-braço ou braço formado por um cornicho (ou *cornicha,* como tambem se diz) retorcido. Na palma da mão um orificio.—Talvez para animal.

18. Amuleto analogo, senão que o orificio está quasi ao meio do objecto.—Talvez para animal.

Estampa III

Fig. 12

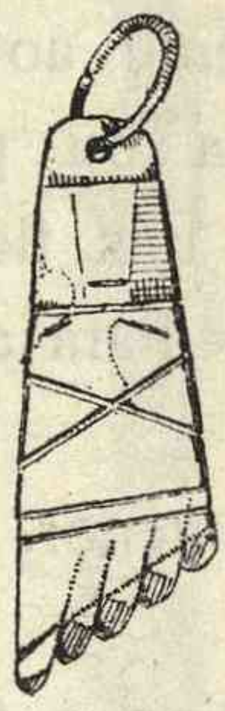


Fig. 13

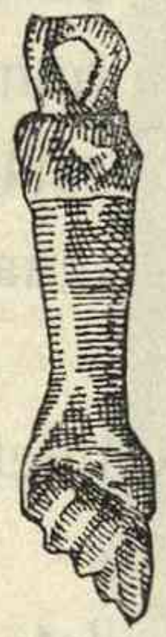


Fig. 14

Fig. 15

Fig. 16

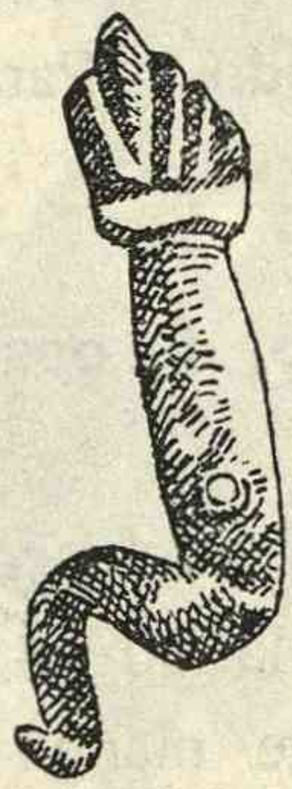


Fig. 18

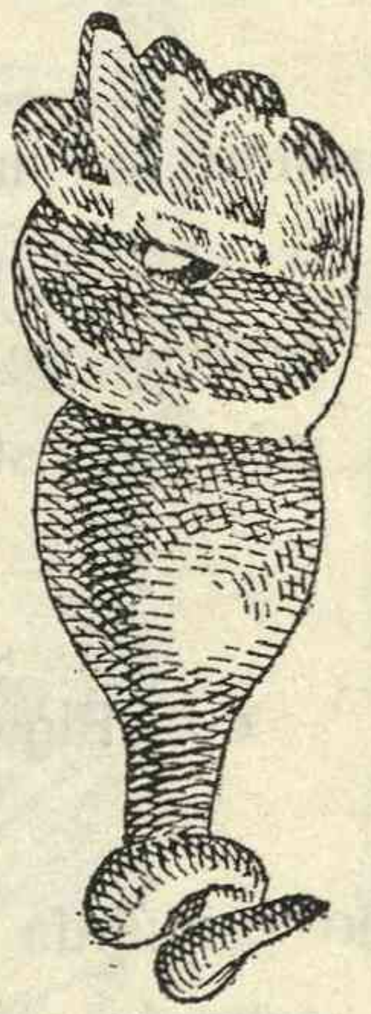


Fig. 17

Estampa IV

19. Amuleto do mesmo tipo, mas o cornicho é achatado, e na parte correspondente ao pulso ha um ornato como de punho de camisa ou pulseira. Ao meio do objecto estão enroscados uns fios metalicos que terminam por uma argola fixa. — Para animal.

19.* Amuleto igual, mas menor.

20. Amuleto do mesmo tipo e feitio, mas o cornicho é direito e provido de sulcos transversais que lhe servem de ornato. Ao meio do objecto ha dois orificios de suspensão. — Para animal.

21. Amuleto do mesmo tipo e feitio, sem ornatos, mas com dois orificios ao meio. A mão distingue-se nitidamente do ante-braço, e o tôpo superior d'êste está afeiçoado como para receber um engaste. — Para animal.

22. Amuleto do mesmo tipo, mas o cornicho é cónico, estando o vértice para o lado do tôpo superior, onde ha um orificio de suspensão. O cornicho, na parte média e inferior, está ornamentado. — Para animal.

c) Figa & cornicho, de osso:

23. Mão esquerda e ante-braço ou braço de fórma de cornicho, estando porém retorcida só a parte superior; a parte inferior tem aspecto de manga ornamentada, e punho de camisa. Ha um orificio na parte onde nasce o cornicho propriamente dito.

Estampa IV

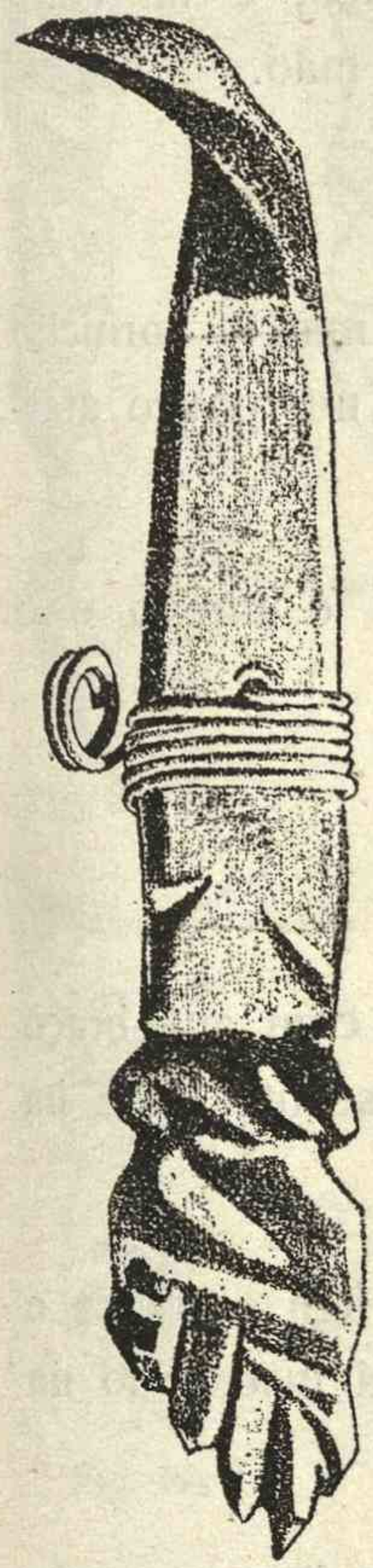


Fig. 19

Fig. 19 *

Fig. 20

Fig. 21

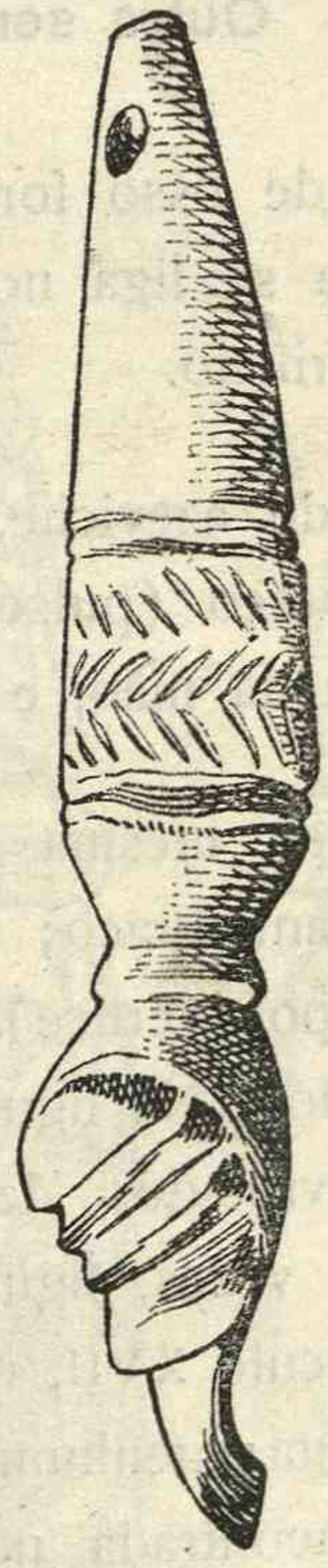


Fig. 22

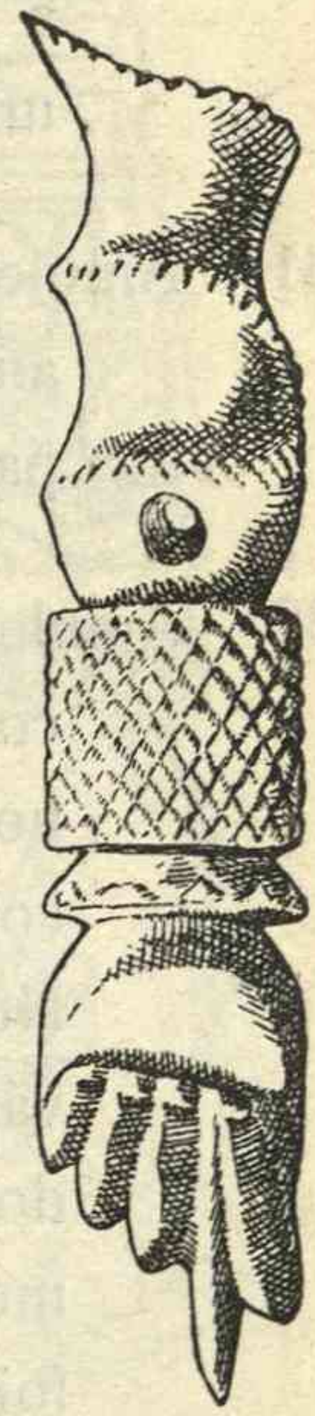


Fig. 23

Estampa V

24. Amuleto do mesmo tipo, com alguma diferença na ornamentação da parte inferior do ante-braço, e na colocação do orificio, que está na palma da mão.

25 a 27. Amuletos analogos ao 24.

28. Amuleto do mesmo tipo dos antecedentes, mas o cornicho é sómente encurvado, e o orificio está um pouco afastado da mão.

29. Amuleto do mesmo tipo, mas o cornicho é direito e o orificio está na palma da mão.

d) Outra serie de amuletos:

30. Amuleto de osso formado de figa esquerda com ante-braço a que se liga no tôpo superior um crescente onde ha um orificio.

31. Amuleto de azeviche, formado tambem por figa esquerda e ante-braço (pulso), mas o crescente está insculpido na palma da mão, e o orificio no pulso.

32. Amuleto da mesma substancia, formado por figa esquerda com ante-braço; este tem fórma piramidal, com orificio no tôpo (vértice). Na palma da mão está insculpido um coração. Na figura representa-se o anverso e o reverso. No livro dos *Azabaches,* de Osma, que tenho citado várias vezes, figuram-se a pp. 221 e 222 algumas figas do seculo XVII, em cuja palma se vê um coração ou a meia-lua; nenhuma porém d'essas figas iguala esta, que foi encontrada no Alto-Minho, embora, certamente, de procedencia galega.

Estampa V

Fig. 24

Fig. 25

Fig. 26

Fig. 27

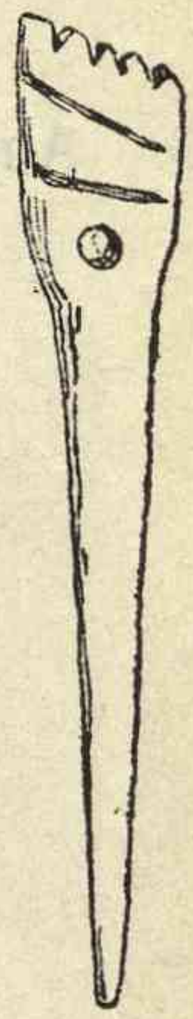


Fig. 29

Fig. 30

Fig. 28

Fig. 31

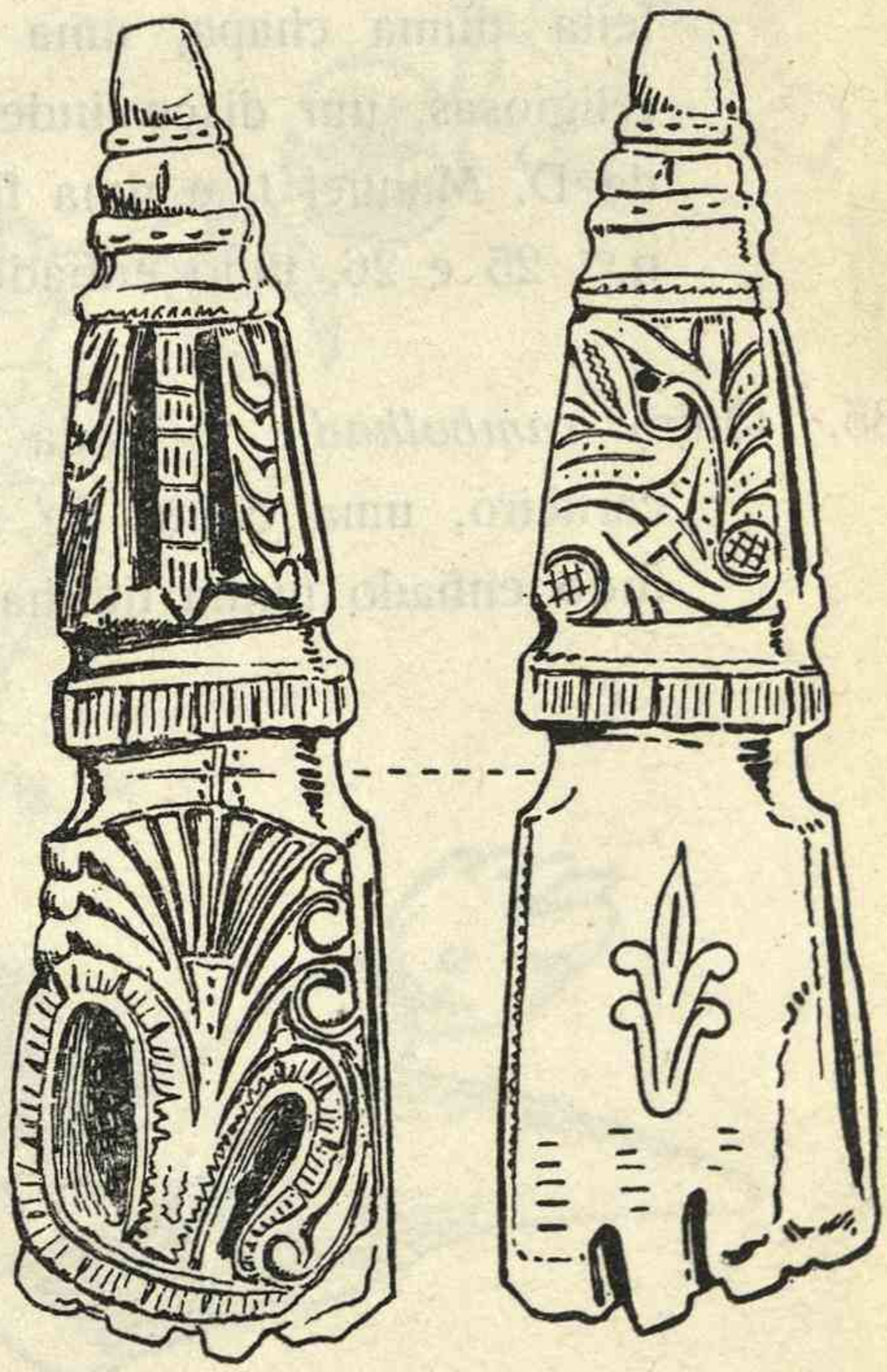


Fig. 32

Estampa VI

33. Amuleto da mesma substancia, formado de figa esquerda; na parte correspondente ao ante-braço ha uma escultura que representa o apostolo S. Tiago. Tipo semelhante aos que traz Osma, ob. cit. na página antecedente, n.º 32. Esta figa foi encontrada na frèguezia de S. Vicente do Penso, concelho de Braga, mas veio, certamente, tambem da Galiza.

e) Cambolhadas:

34. *Cambolhada* formada por uma cruz metálica, uma meia-lua feita duma chapa, uma moeda furada, duas medalhas religiosas, um disco indeterminado, um vintem de prata de D. Manuel I, e uma figa esquerda de osso dos tipos n.ºs 25 e 26, tudo enfiado num cordelinho.

35. Outra *cambolhada* formada por uma ponta de chifre de carneiro, uma conta de azeviche e uma figa esquerda, tudo enfiado numa fitinha de seda.

Estampa VI

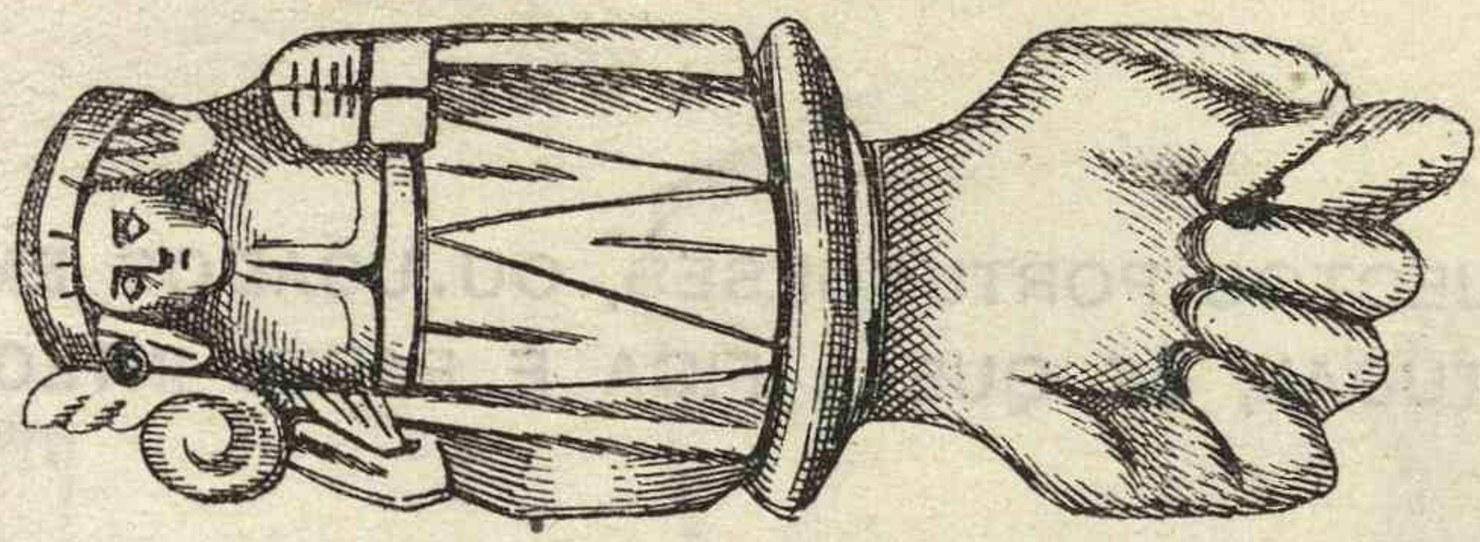


Fig. 33

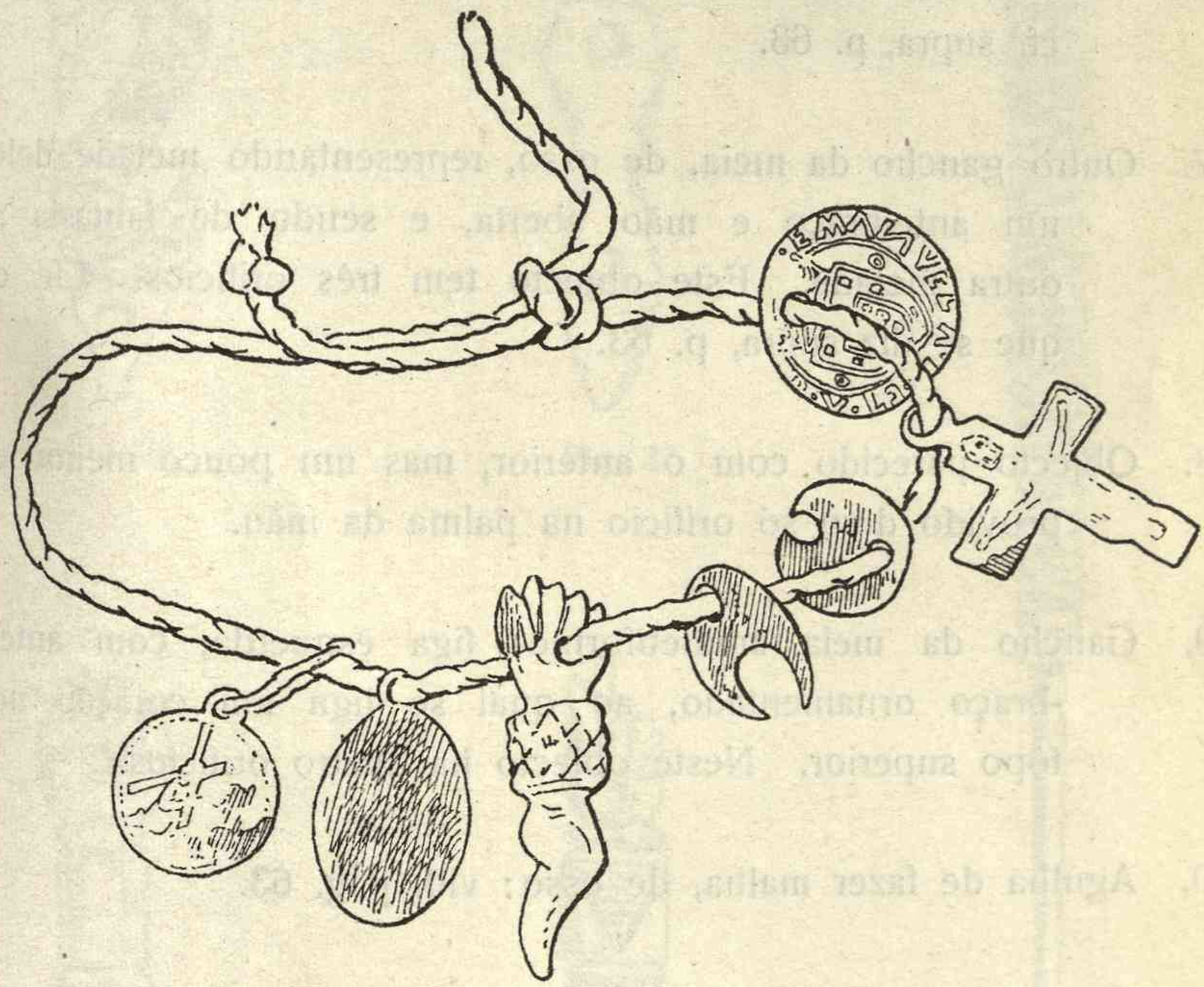


Fig. 34

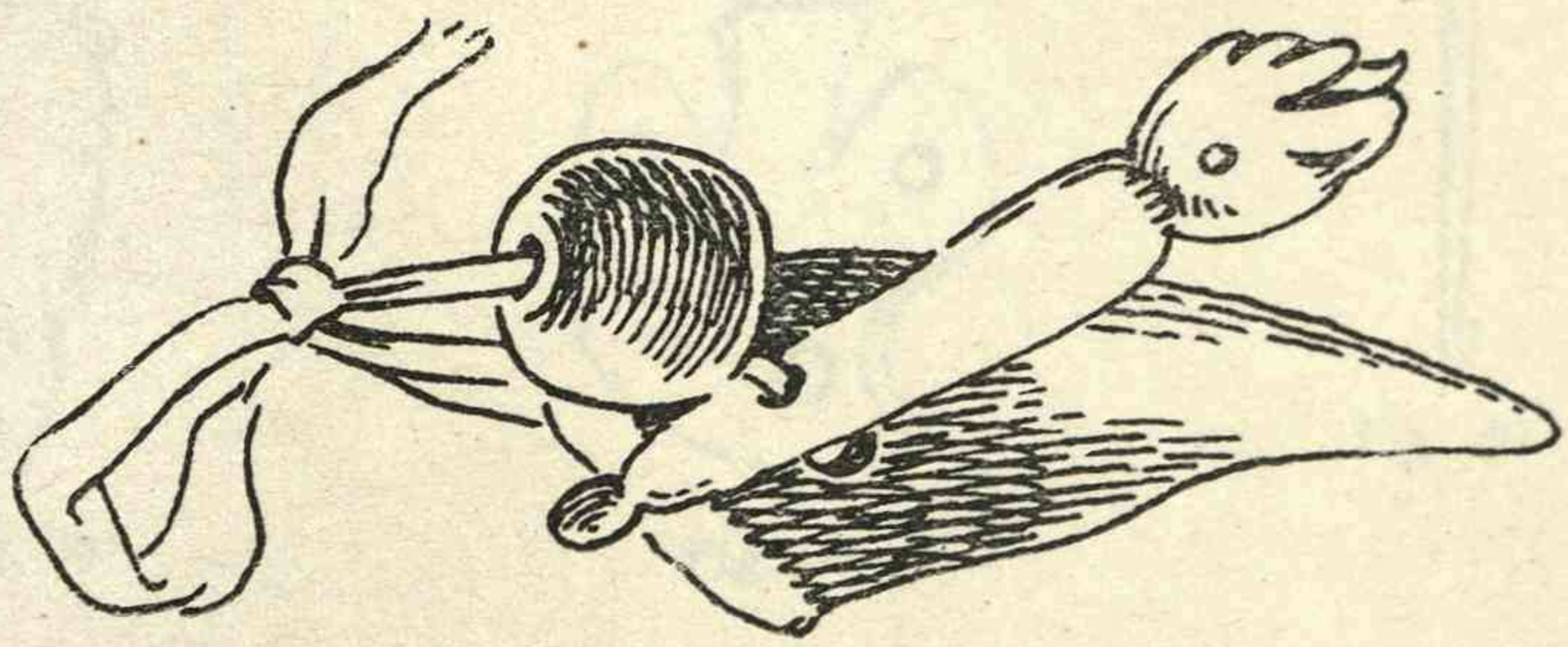


Fig. 35

Estampa VII

C. OBJECTOS PORTUGUESES, OU USADOS EM PORTUGAL, DE QUE A FIGA É PARTE INTEGRANTE

36. Gancho da meia, de osso, de fórma de S (colos de cisne?); cf. supra, p. 63.

37. Outro gancho da meia, de osso, representando metade dele um ante-braço e mão aberta, e sendo de fantasia a outra metade. Este objecto tem três orificios. Cfr. o que se diz supra, p. 63.

38. Objecto parecido com o anterior, mas um pouco menor, e provido dum só orificio na palma da mão.

39. Gancho da meia amuletiforme: figa esquerda, com ante-braço ornamentado, ao qual se liga um coração no tôpo superior. Neste objecto ha quatro orificios.

40. Agulha de fazer malha, de osso: vid. pág. 63.

Estampa VII

Fig. 36

Fig. 37

Fig. 40

Fig. 38

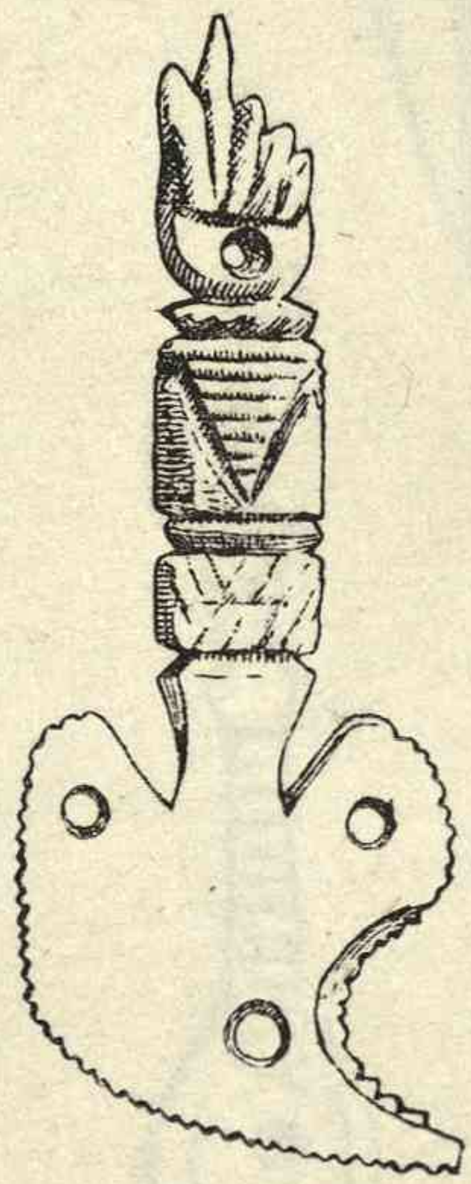


Fig. 39

Estampa VIII

41 e 42. Furadores de osso: vid. pág. 63.

43. Caneta: vid. pág. 63.

44. Guitarrinha de osso, cujo braço termina de modo natural e engenhosamente em mão, a qual faz o gesto da figa esquerda. Simples brinquedo ou objecto de ornato.

45. Frasco de vidro coalhado: vid. pág. 63.

Estampa VIII

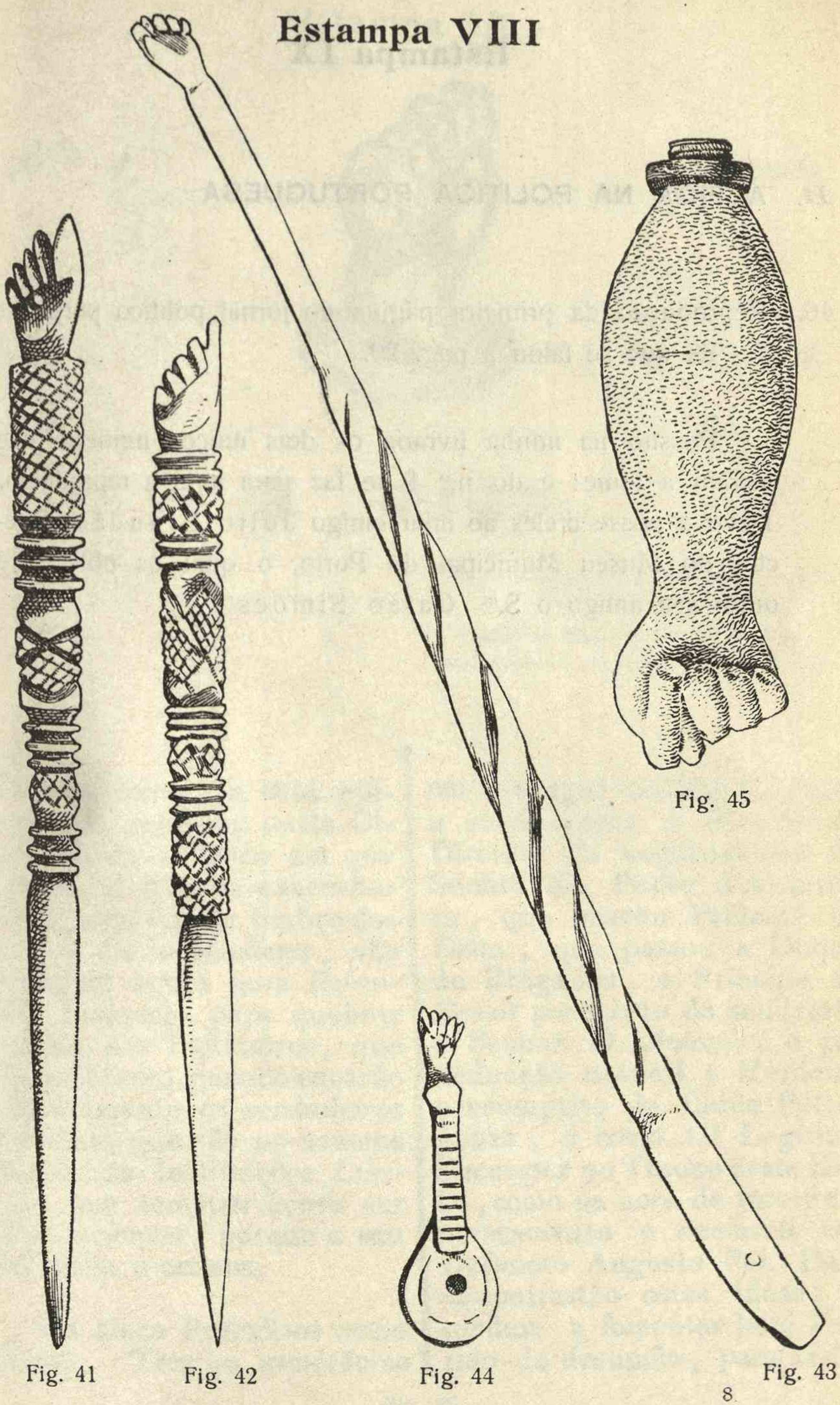


Fig. 41 Fig. 42 Fig. 44 Fig. 43 Fig. 45

Estampa IX

D. A FIGA NA POLITICA PORTUGUESA

46. Reprodução da primeira página do jornal politico portuense de que se falou a pág. 29.

Possuo na minha livraria os dois únicos numeros que saíram a lume: e do n.º 1 se faz para aqui a reprodução. Devo a posse d'eles ao meu amigo Julio Brandão, Director do Museu Municipal do Porto, o qual os obteve de outro seu amigo o S.or Catão Simões.

Estampa IX

N.º 1. 20 reis.

1826. 14 DE OUTUBRO.

A Figa.

Hão de roê-la!
Cunhal no Monte de Santa Catharina.

Este emblema, e esta epígrafe, tão celebres nesta Cidade, desde a época em que a exaltação d'huma exacerbada vingança fazia o timbre dos que se dizião *Realistas*, não ressurgem agora para *Rebendita*; renascem para quebrar os olhos dos Feiticeiros, que dão quebranto quando encárão presentemente os *verdadeiros Realistas*, que são os homens amigos das Instituições *Liberaes*, que tem por honra ser *Constitucionaes*, porquo o seu Rei assim o ordena.

Ha cinco Periodicos nesta Cidade. Tres = esmérão-se em propagar as idéas Liberaes e conducentes a illustrar os Direitos da Legitimidade do Senhor D. Pedro d'Alcantara, que nasceu Principe da Beira, que passou a Duque de Bragança, e Principe do Brazil por morte de seu Irmão o Senhor *D. Antonio*, e por deducção natural a Herdeiro presumptivo da Corôa Portugueza, e como tal Legitimo Successor no Throno deste Reino, como na hora da morte expressamente o declarou seu Defuncto Augusto Pai. Dous = contrastão estas idéas, e tendem a fomentar hum Partido de desunião, para se du-

Estampa X

E. A FIGA EM VARIAS NAÇÕES MODERNAS

a) Hespanha:

47. Figa de azeviche, estilizada (braço e mão, talvez esquerda) com engaste metalico e argola fixa. De Salamanca.

48. Outra de alabastro (mão esquerda), com orificio de suspensão no tôpo do lado do ante-braço. Dão-se duas vistas dêste objecto, que existe no Museu Arqueologico de Valhadolid.

49. Outra, de azeviche, direita, com engaste metalico e argola fixa no tôpo do ante-braço; na palma está insculpido um coração analogo ao da figa n.º 32. De Lião. Esta figa foi oferecida ao autor do presente trabalho, em 1902, pelo falecido escritor hespanhol, e erudito paleografo, D. Antonio Martinez Salazar. Dão-se duas vistas dêste objecto.

50. Inscrição gravada numa pedra da igreja de Verin, na qual pedra, por baixo da inscrição, se figuraram duas figas, como se disse supra, pág. 73.

Estampa X

Fig. 47

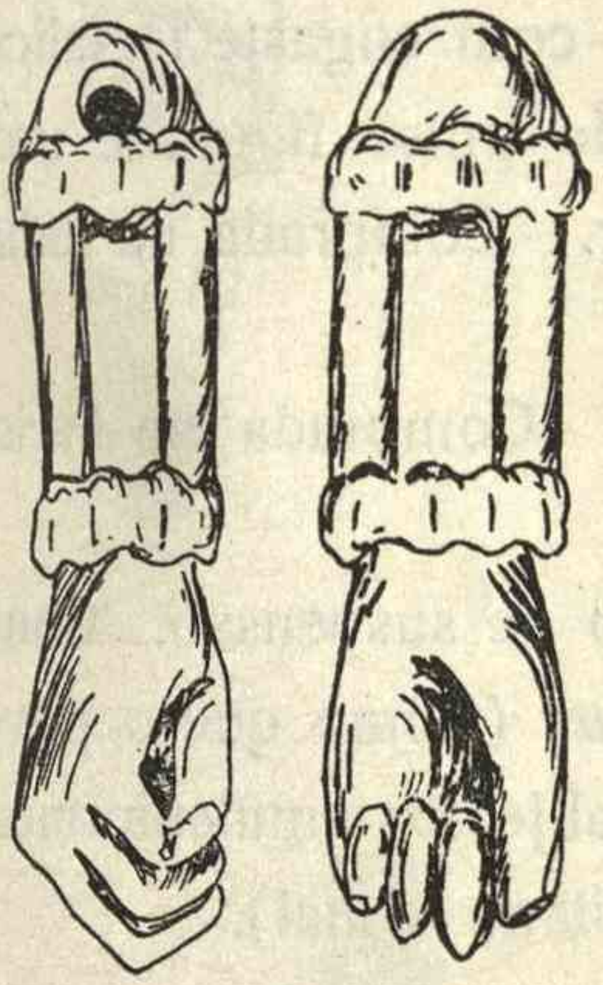


Fig. 48

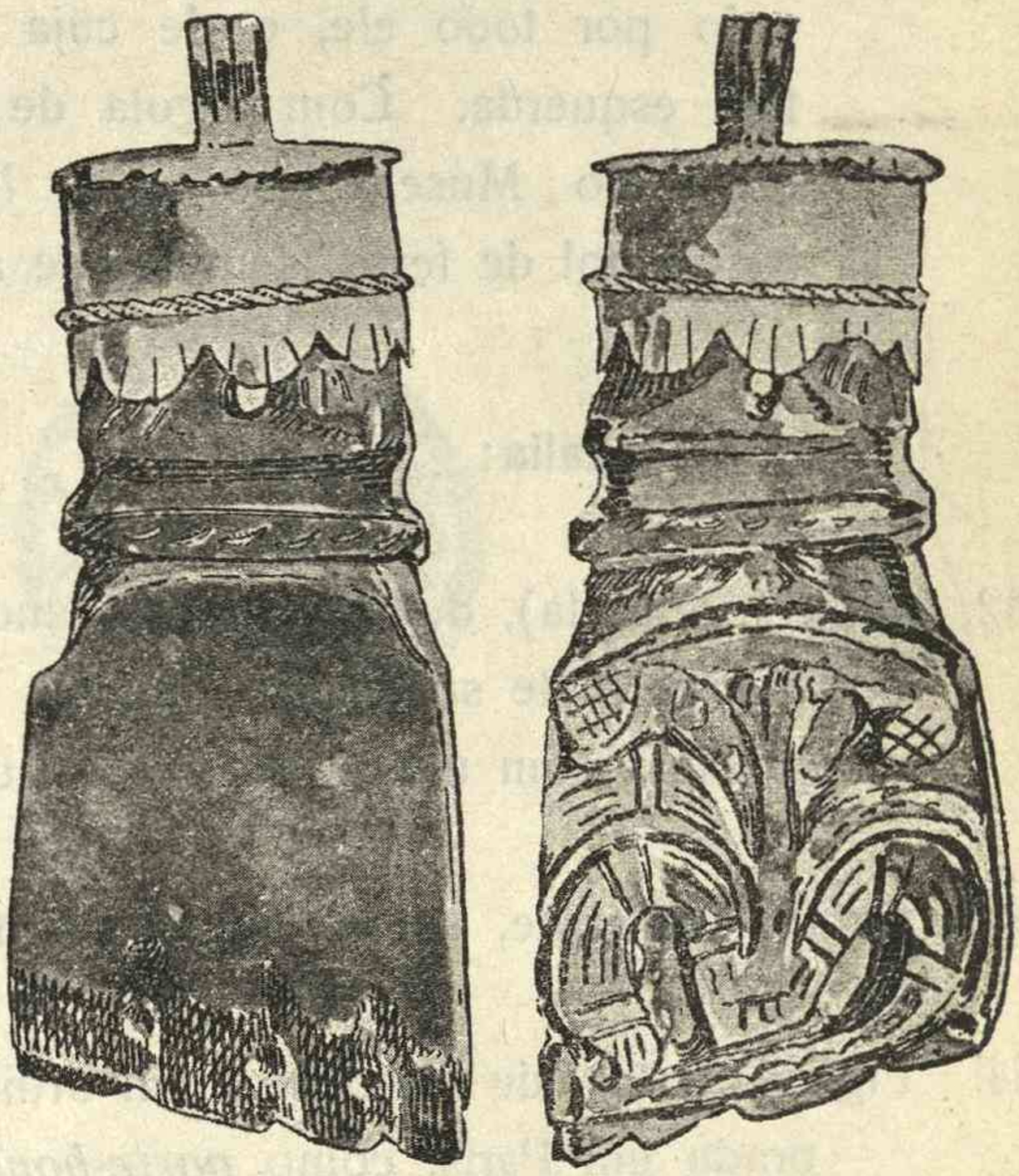


Fig. 49

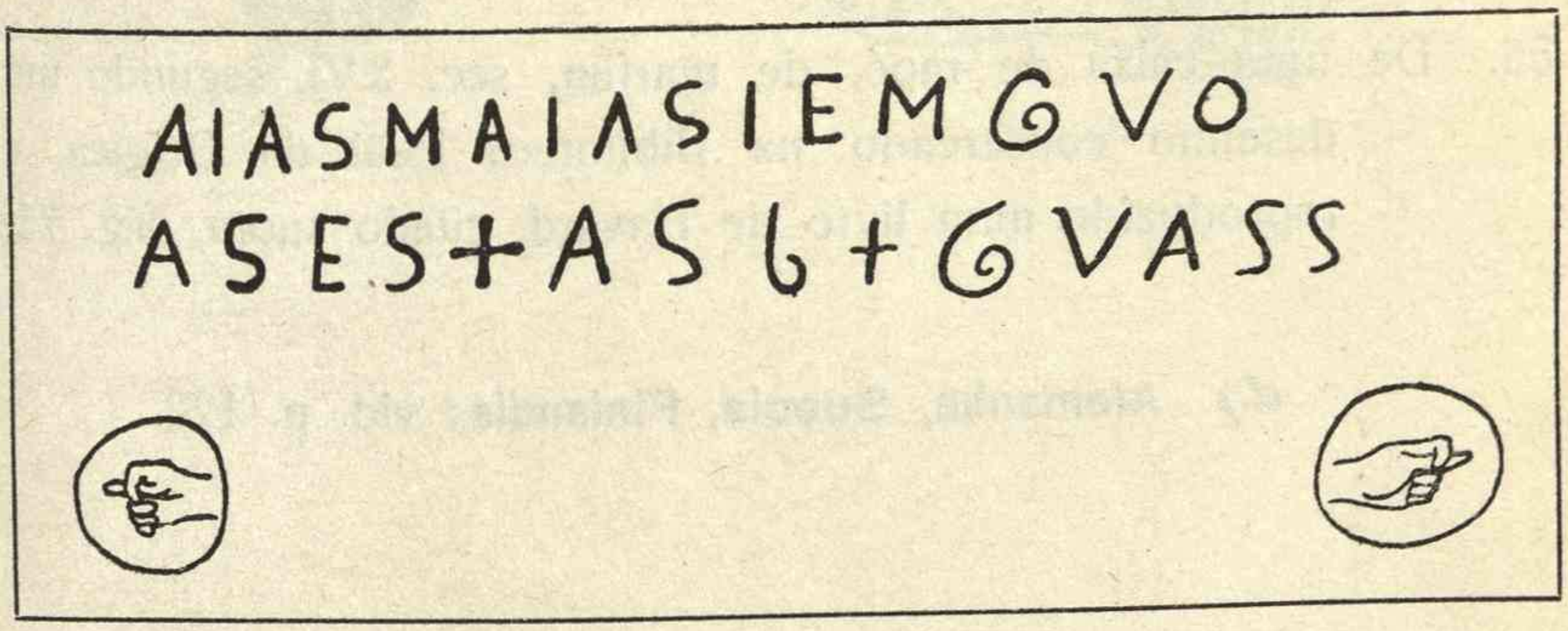


Fig. 50

Estampa XI

51. Amuleto de metal branco, de fórma de meia-lua, ornamentado por todo ele, e de cuja concavidade pende uma figa esquerda. Com argola de suspensão. De Plasencia.—No Museu Etnologico ha tambem um amuleto hespanhol de ferro, semelhante a este, mas liso.

b) **Italia:**

52. Figa (esquerda), de substancia branca, com engaste metalico, e argola de suspensão, móvel. No pulso figura-se uma pulseira com uma pedrinha de côr. Comprada na Italia.

53. Figa semelhante, senão que é direita. Comprada em Paris.

54. Figa (direita), de azeviche, com orificio de suspensão. Comprada em Paris, como *porte-bonheur* (nome que o povo em França dá aos amuletos e aos objectos amuletiformes, quer eles atraiam o bem, quer repilam o mal).

c) **Belgica:**

55. De uma caixa de rapé, de marfim, sec. XVI, segundo um desenho conservado na Biblioteca Real da Belgica, e reproduzido num livro de Havard, citado supra, pág. 71.

d) **Alemanha, Suecia, Finlandia:** vid. p. 122.

Estampa XI

Fig. 52

Fig. 51

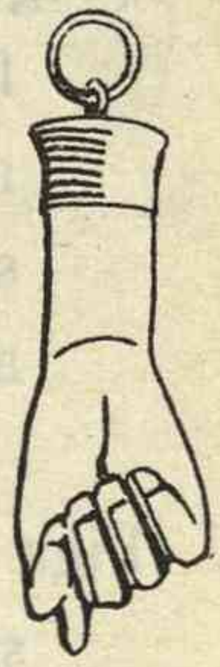


Fig. 53

Fig. 54

Fig. 55

Estampa XII

F. AMULETOS ANTIGOS

56. (Figura ampliada). Amuleto romano, de ouro, de caracter fálico, que termina de um lado em figa, feito com a mão direita, e do outro em cabeça de lião. Na parte superior do objecto, ao centro, ha uma argola. Objecto adquirido no Alentejo. Cfr. p. 92.

57. Figa romana, de coral, direita, com pulseira, e orificio de suspensão no tôpo do objecto. Amuleto vindo de Alexandrette (Síria). Comprado em Paris.

58. Figa romana, tambem de coral, direita ou esquerda, com pulseira, e com orificio de suspensão no centro do objecto. Da mesma proveniencia.

59. Amuleto romano, de bronze, complexo: vid. pág. 92.

60. Amuleto romano, de bronze, de fórma fálica: vid. pág. 92.

61. Amuleto antigo, de bronze, de fórma de concha *Cypraea:* vid. pág. 92.

62. Outro amuleto igual, mas menor.

Estampa XII

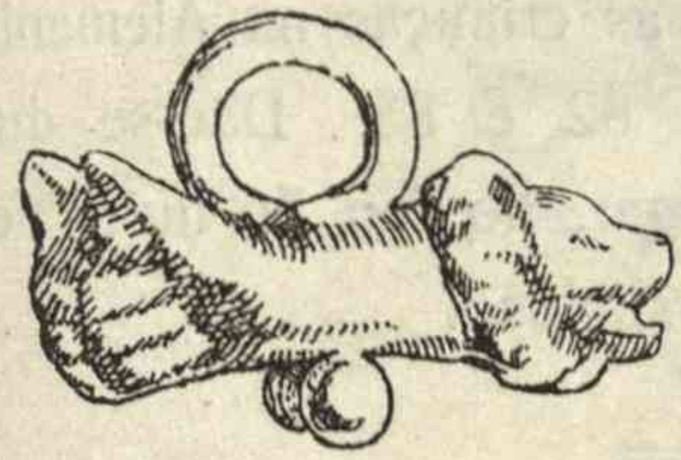


Fig. 56

Fig. 57

Fig. 58

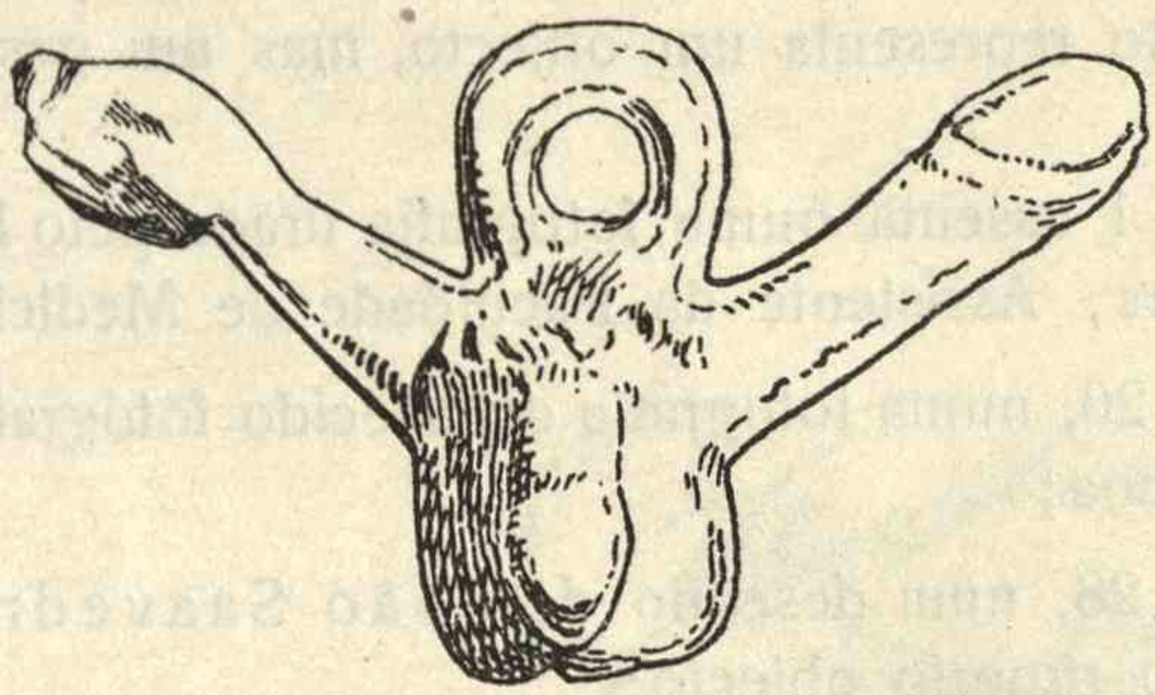


Fig. 59

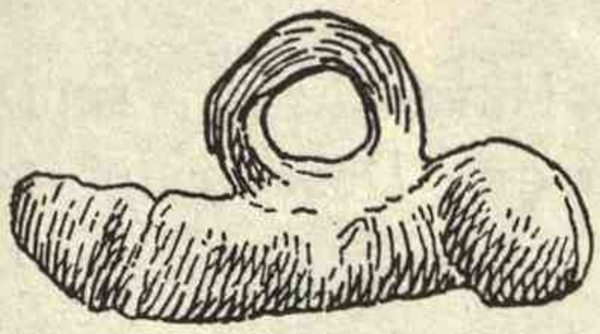


Fig. 60

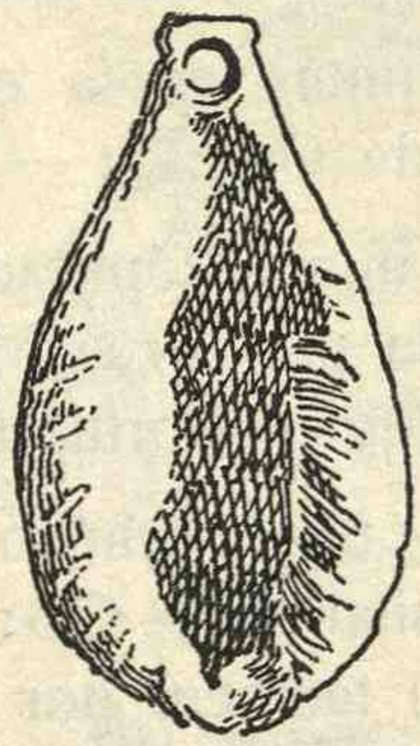


Fig. 61

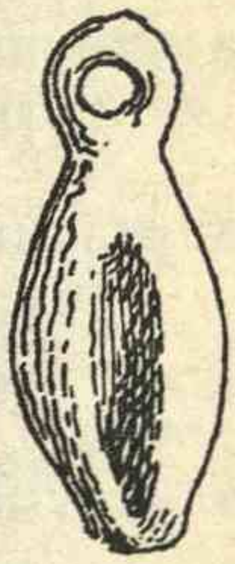


Fig. 62

Estampa XIII

63. Gesto que soe fazer-se, por graça, ás crianças na Alemanha, Suecia e Finlandia: vid. pag. 82 e 83. Dão-se duas vistas do gesto: e vão neste lugar, no fim de tudo, porque ele não tem caracter supersticioso.

Excepto os objectos representados com os n.os 33, 35, 46, 48, 49, 50 e 55, todos os outros pertencem ao Museu Etnologico Português, adquiridos para ele pelo autor do presente trabalho. (O n.º 63 não representa um objecto, mas um gesto).

a gravura n.º 1 assenta numa fotografia tirada pelo D.or Joaquim Fontes, Assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa;

a gravura n.º 20, numa fotografia do falecido fotógrafo Camacho, de Lisboa;

a gravura n.º 28, num desenho de João Saavedra Machado, feito do proprio objecto;

a gravura n.º 33, num desenho de Guilherme Gameiro, que se serviu de um apontamento enviado por Albano Belino;

a gravura n.º 48, num desenho enviado por D. Saturnino Rivera, Professor da Universidade de Valhadolid;

a gravura n.º 50, numa cópia enviada por D. Ramón Otero Pedrayo, de Orense;

a gravura n.º 55, numa cópia do livro de Havard (vid. supra, p. 77), tirada por Francisco Valença, Desenhador do Museu Etnologico Português;

a gravura n.º 63, num esbôço enviado pelo falecido escritor sueco e lusitanófilo Göran Björhman, e copiado (e aperfeiçoado) tambem por Francisco Valença.

Ao mesmo Artista, o S.or Francisco Valença, se devem os desenhos e aguarelas que serviram de base a todas as restantes gravuras, e que ele fez directamente dos proprios originais.

Estampa XIII

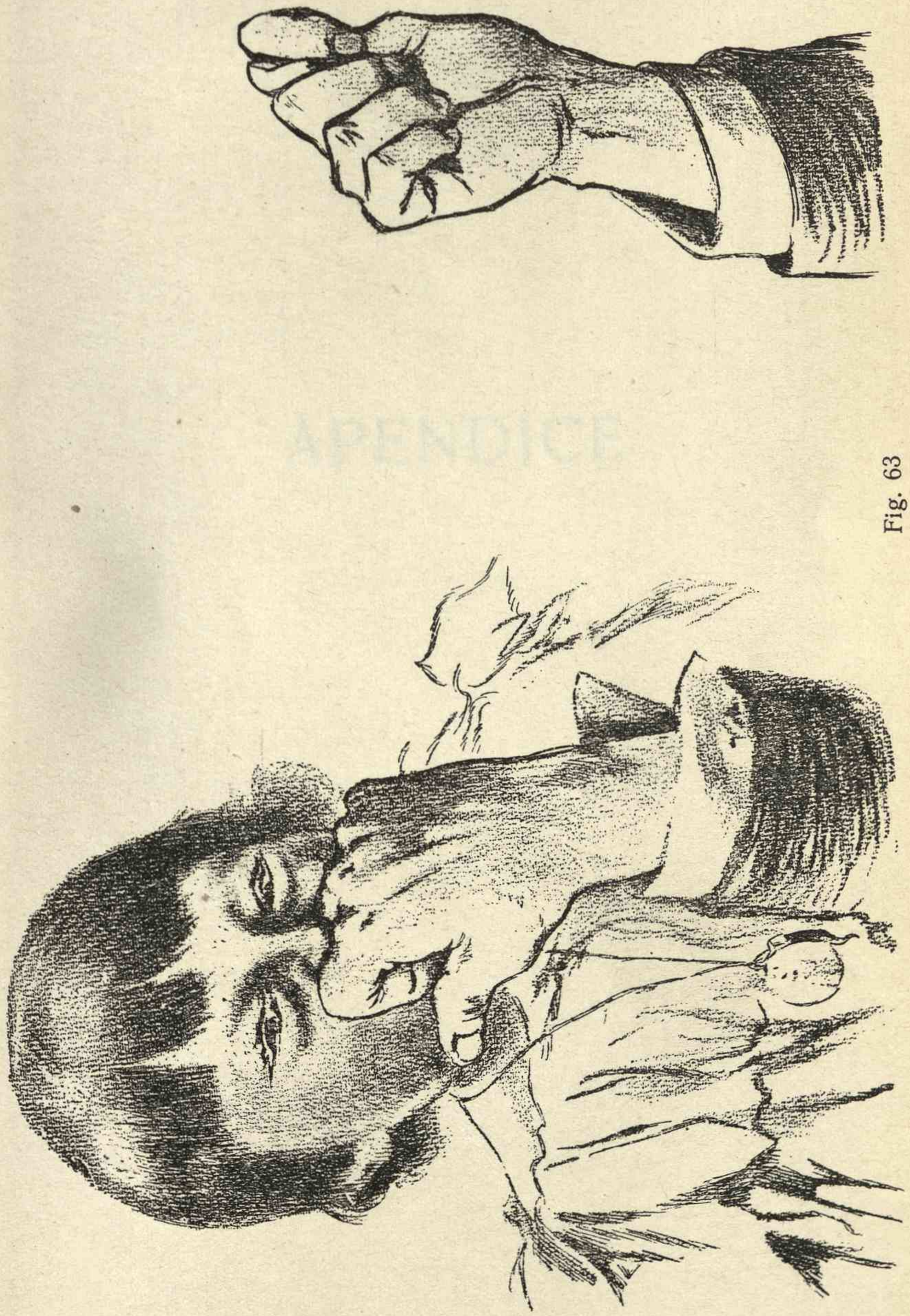


Fig. 63
(duas vistas do mesmo gesto)

APENDICE

Durante a revisão das provas d'este livro vieram ao meu conhecimento varios factos que me permitem ampliar algumas das notícias dadas a cima: e passo a mencioná-los sob fórma de apendice.

Pg. 23-24:

Em Melgaço, ao contrário do que acontece em Lisboa, dizem que a figa deve fazer-se com a mão direita, porque com a esquerda tem menos fôrça; mas ainda assim é melhor fazer figas com ambas as mãos, estendendo os braços paralelamente para diante, isto é, *cum ambabus manibus!* (como se lê num documento do sec. XV, de França, citado supra, p. 77).

A alguem de Guimarães ouvi dizer que é bom fazer figas com ambas as mãos, sim, mas voltando a direita para o lado esquerdo, e a esquerda para a direita, fazendo, ao que parece, um gesto muito conhecido. A razão talvez seja esta: que a figa direita, voltada para a esquerda, adquire o caracter mágico de que este lado goza na crença; e que a figa esquerda, voltada para a direita, não perde o seu caracter proprio, e reforça *ipso facto* esse lado. Acêrca da importancia

do lado esquerdo na superstição vid.: Wuttke, *Der deutsche Volksaberglaube,* 3.ª ed., p. 515; Sébillot, *Folk-lore de France*, IV, 455; cfr. Fryklemd, *Les changements de signification des expressions de droite et de gauche,* Upsala 1907.

Pag. 48:

Em processos da Inquisição, arquivados na Torre do Tombo, encontrou o D.or Manuel Heleno, Conservador do Museu Etnologico, as seguintes noticias que me comunicou:

1) No 22 de abril de 1588, nos Estáos, foi chamado Francisco, de 18 anos, natural de Braga, moço de pedreiro, que acusou certo homem por fazer figas ao Santissimo.

2) No dia 28 de março de 1588 compareceu na Inquisição Estevão Gonçalves para dizer que estando na Misericordia a ouvir um sermão do jesuita de S. Roque, Padre João Carvalho, vio um filho do procurador Manuel Mendes, fazer figas quando levantavam a Deus.

3) A 11 de julho de 1588 se confessou o Inglês Guilherme Langley por dizer: «Tenha eu Deus por mim, e quero figas para os santos».

Informaram-me varias pessoas que em alguns santuarios, onde se representam passos, se figuram Judeus no acto de fazerem figas a Cristo; contudo dou esta noticia com a maior reserva.

Pag. 49:

Outro sinónimo de *dar* e *fazer figas,* é *figar,* que ouvi a alguem da Maia: «*figar* um individuo». O verbo *figar* não está ainda, que eu saiba, arquivado em dicionarios; a primeira vez que se menciona na imprensa creio que é agora.

Pg. 56:

Os alunos da Escola Agricola de Coimbra é costume, quando juram, mentindo, cruzarem as pernas e fazerem figas: supõem que deste modo não lhes sucede mal nenhum por mentirem. O mesmo fazem quando dão a palavra d'honra em vão.—Cfr. de algum modo o que acontece na Boemia etc.: supra, p. 82.

Pg. 78-81:

Sinto não ter podido ler um artigo acêrca da *cimaruta* publicado no *Folklore,* XVI (1905), p. 132-155, por Günther, intitulado: «The Cimaruta, its structure and development»; aí se fala da *figa* a p. 140.

Pg. 90:

Camilo faz algumas considerações historicas e lexicais acêrca da expressão «*virtue? a fig!*», que se lê no *Othelo* de Shakespeare, e que El-Rei D. Luis traduziu por «virtude? uma figa». Vid. *Esboço de critica,* p. 34-ss. (Devo a indicação da frase de Camilo ao S.or Manuel de Castro, de Gaia, que m'a enviou por intermedio do meu amigo e colega Prof. J. A. Pires de Lima).

ESTAMPA ADICIONAL

E

RESPECTIVAS EXPLICAÇÕES

Estampa adicional

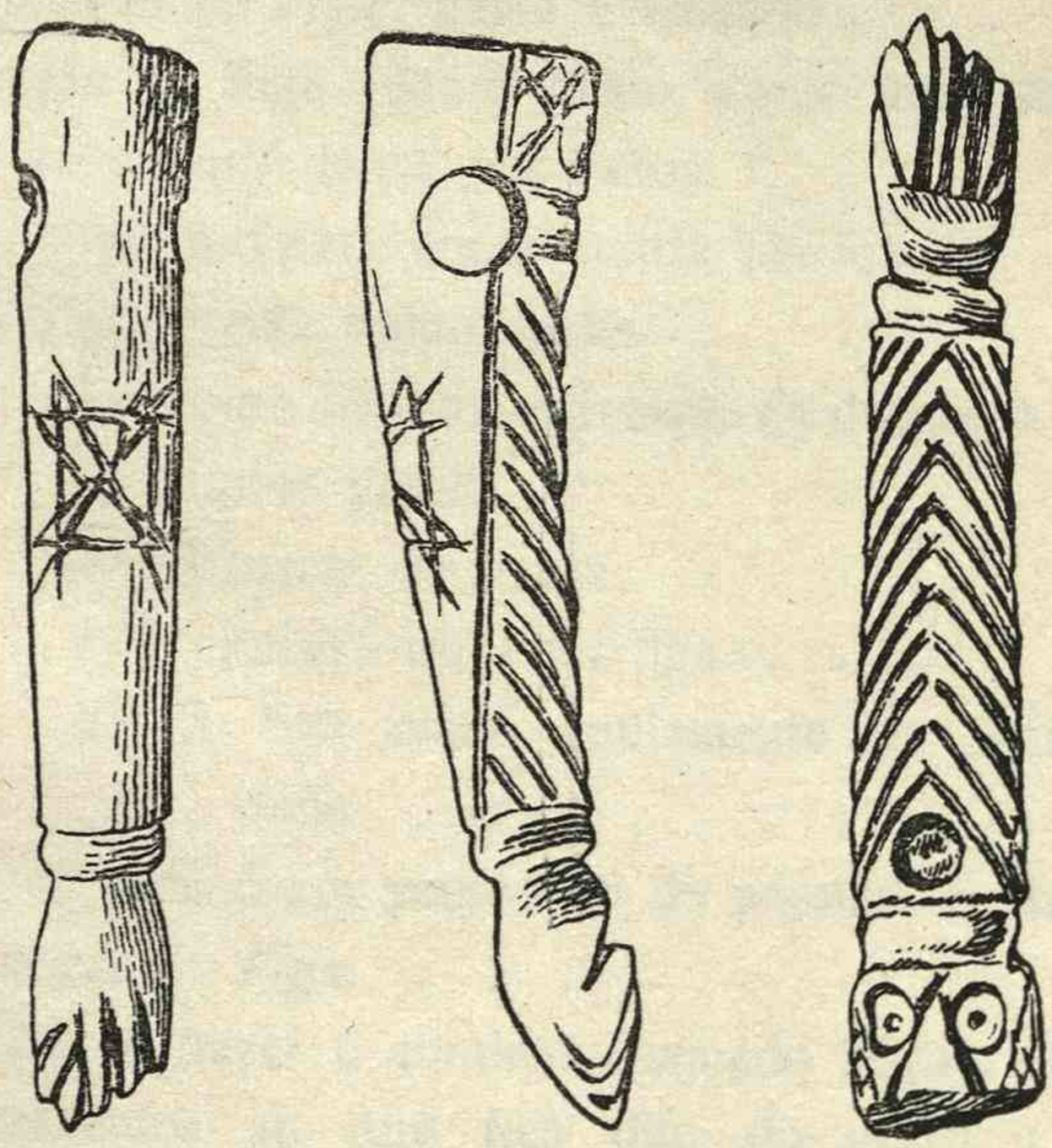
A figa (esquerda) representada com o n.º A na estampa adjunta é de azeviche, foi feita em Portugal, e está na posse do S.or Arronches Junqueiro, de Setubal, que me enviou uma fotografia que aqui reproduzo.

A figa (esquerda) representada com o n.º B, em três posições (desenhos de Francisco Valença), é feita de corno, e foi dada pela Bruxa da Arruda a uma mulher do concelho do Cadaval, de quem a obtive para o Museu Etnologico. Ao seu valor proprio acresce o da substancia (corno) e o da figura (sino-saimão) que foi esboçada no *braço*. Possue pois tripla significação mágica. Alem d'isso, pela sua fórma geral, traz-se pendurada como qualquer *cornicha* (cfr. pág. 102). A mulher que m'a cedeu, tinha-a ao pescoço juntamente com objectos religiosos (cruzes etc.), em *cambolhada* (cfr. pág. 62).

Quem fabricou o amuleto, figurou na extremidade oposta á mão, de frente, aos lados de um triangulo, que parece um nariz esquematico, dois circulos concentricos, a modo de olhos; suponho que quis representar uma cabeça. Voltando a mão, isto é, a figa, para cima (3.º desenho), a cabeça como que se torna cornífera. Por baixo da figura, ou por cima, conforme se colocar o objecto, ha um comêço de orificio, que devia ser para suspensão d'este; porém não foi acabado, e foi substituido por outro, noutra posição, como se vê do primeiro e segundo desenho.

Estampa adicional

Figa A



Figa B (três posições)

INDICE

Pág.

INTRODUÇÃO:

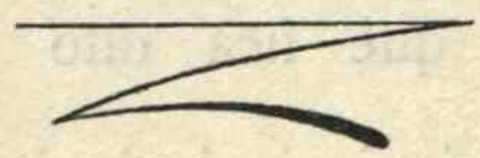
Do sobrenatural na Medicina popular portuguesa . . 7

I — A FIGA EM PORTUGAL:

I) Definição de *Figa:* gesto e amuleto 23
II) Função da Figa (como gesto, como amuleto, e meramente como vocabulo) 26
A. Figa declaradamente contra fascinação. . . 26
B. Figa contra varios males 35
C. Figa como sinal ou expressão de desprêzo etc. 42
a) Casos gerais. 42
b) Especie de praga 44
c) «Fazer» ou «dar figa» 46
d) A figa como anulamento de palavra dada 56
D. A figa como protectora de animais e coisas 57
III) O vocabulo *Figa* 59
IV) Modo de trazer o amuleto chamado *Figa* . . . 61
V) Acrescentos ao que fica dito do gesto e do amuleto 64

II — A FIGA FÓRA DE PORTUGAL: Pág.
Galiza, Asturias, e outras provincias de Hespanha . 71
França, Belgica, Suiça 76
Italia 78
Grecia moderna 81
Alemanha 81
Rumenia, Bucovína, Galicia, Boemia, Polonia . . . 82
Finlandia, Suecia, Noruega 83

III — A FIGA NA ANTIGUIDADE 85
IV — PROPAGAÇÃO HISTORICA DA FIGA 89
V — SIGNIFICAÇÃO PRIMORDIAL DA FIGA 91
RESUMO FINAL 95
ESTAMPAS E RESPECTIVAS EXPLICAÇÕES:
A. Primeira serie de figas portuguesas 98
B. Amuletos portugueses, ou usados em Portugal:
a) simples figa 100
b) figa & cornicho, de chifre 102
c) figa & cornicho, de osso 104
d) outra serie de amuletos 106
e) cambolhadas. 108
C. Objectos portugueses, ou usados em Portugal, de que a figa é parte integrante 110
D. A figa na politica portuguesa 114
E. A figa em várias nações modernas 116
F. Amuletos antigos 120
Gesto gracioso de fórma de figa 122
APENDICE:
Ao texto 125
Ás estampas 131



Johs. Jarchow
Buchbinderei
Hamburg